

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Najla

LAR DRUZO BRASILEIRO:
O DRUZISMO VERDE E AMARELO

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

São Paulo
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Najla

LAR DRUZO BRASILEIRO:
O DRUZISMO VERDE E AMARELO

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título em Mestre em Ciências da Religião, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Doutor Frank Usarski.

São Paulo
2013

Banca Examinadora

“DEDICATÓRIA” (OPCIONAL)

AGRADECIMENTOS

RESUMO

Esta pesquisa se refere à presença do druzismo no Brasil, especificamente no Lar Druzo Brasileiro de São Paulo, uma das instituições representativas da comunidade druzza no país. O objetivo deste trabalho é conhecer a história dessa instituição, bem como identificar os elementos que a caracterizam como uma comunidade-referência na formação da identidade druzza no Brasil.

Esta dissertação é composta por três capítulos. No primeiro capítulo "O Druzismo" é recuperada a história da religião, desde suas origens até assumir a forma como a conhecemos. Posteriormente, são apresentados os elementos da organização, da doutrina e das práticas que caracterizam essa tradição religiosa. No segundo capítulo "Lar Druzo Brasileiro, do passado ao presente", é feito um resgate da história dessa instituição, bem como das ações que promovem o exercício da identidade druzza entre os pares da comunidade. Para finalizar, o terceiro capítulo "O papel do Lar Druzo Brasileiro à luz dos depoimentos da própria comunidade" discute o papel que o LDB ocupa na formação da identidade druzza para seus membros.

Palavras-chave: Druzismo, druzos, religião, Lar Druzo Brasileiro.

ABSTRACT

This research refers to the presence of the Druzism in Brazil, specifically in the “Lar Druzo Brasileiro de São Paulo”, one of the representative institutions of the Druze community in the country. This work aims at knowing the history of this institution as well as identifying the elements which characterize it as a reference in the formation of Druze’s identity in Brazil.

This work has been divided in three chapter. In the first one entitled “The Druzism”, has been rescued the history of religion since its origins until nowadays. Subsequently, it is presented the elements of the organization, doctrine and practices that characterize this religious tradition. In the second chapter, entitled “Lar Druzo Brasileiro, from past to present”, it is rescued the history of this institution, as well as the actions that promote the practice of identity among peers in a Druze community. And finally, in the third chapter, entitled "O papel do Lar Druzo Brasileiro à luz dos depoimentos da própria comunidade" which discusses the role of the LDB in the Druze identity forming towards its members.

Keywords: Druzism, druzes, religion, Lar Druzo Brasileiro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I - O Druzismo.....	11
CAPÍTULO II - Lar Druzo Brasileiro, do passado ao presente.....	30
CAPÍTULO III - O papel do Lar Druzo Brasileiro à luz dos depoimentos da própria comunidade.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
BIBLIOGRAFIA.....	83

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa *Lar Druzo Brasileiro: O Druzismo Verde Amarelo*, refere-se à presença do druzismo no Brasil, especificamente no Lar Druzo Brasileiro de São Paulo (LDB¹), uma das três instituições que reúne e representa a comunidade druzza no Brasil. O objetivo deste trabalho é conhecer a história dessa instituição, bem como identificar os elementos que a caracterizam como uma comunidade referência na formação da identidade druzza no Brasil.

Nosso estudo também visa ampliar o universo do conhecimento sobre o Unitarismo, visto que esse é um campo de pesquisa praticamente inédito no Brasil. Apesar de fazer parte das muitas tradições religiosas que compõem o campo religioso brasileiro, o druzismo é uma religião absolutamente negligenciada no âmbito das Ciências da Religião brasileira, pois não há nenhum estudo sistemático que o trate como religião que é. Os dois únicos trabalhos encontrados que tangenciam essa temática pertencem a outras abordagens, e ambos não têm como objeto a religião, apesar de utilizá-la para desenvolver seus trabalhos.

Para colaborarmos com a diminuição dessa lacuna, elaboramos um percurso didático que permitirá ao leitor compreender os principais elementos que caracterizam o “universo druzo”, identificando os “elementos de permanência” desta comunidade, que faz com que a geração que nasceu no Brasil - a segunda geração dos “druzos brasileiros” - ainda se reconheçam como tal e assumam a tarefa anunciada, pelos fundadores, de preservar a tradição.

O primeiro capítulo - O Druzismo - resgata a história da origem dessa religião até assumir a forma como a conhecemos. Posteriormente, são apresentados elementos que caracterizam a organização, a doutrina e as práticas dessa tradição.

O segundo capítulo - LDB, do passado ao presente - recuperamos a história desta associação, bem como as ações que promovem o exercício dessa identidade entre os pares da comunidade. Partiremos das motivações e circunstâncias que envolveram a fundação do LDB; conheceremos o caminho criado pelas diferentes lideranças, que na

¹ O Lar Druzo Brasileiro será identificado pela sigla LDB.

preocupação de unir o passado ao presente, criaram caminhos que de alguma forma envolvessem não só a geração imigrada como aqueles que nasceram e nascerão longe das raízes que os geraram. Nesse contexto, serão apresentados alguns dos principais elementos que caracterizam essa instituição, que vão desde estrutura física e financeira, atividades não religiosas e religiosas que são realizadas *intra e extra muros*.

O terceiro capítulo - O papel do LDB à luz dos depoimentos da própria comunidade - teremos a oportunidade de nos aproximarmos da subjetividade dos participantes dessa comunidade, "dando voz" aos seus membros, para compreendermos como essa identidade é elaborada. Num primeiro momento conheceremos os aspectos metodológicos que envolveram essa pesquisa, em seguida apresentaremos os resultados, para então finalizarmos com a interpretação das entrevistas à luz do quadro teórico. Vale lembrar que a identidade dos entrevistados será protegida, portanto, não haverá qualquer identificação na apresentação dos depoimentos.

Capítulo I - O DRUZISMO

1.1 Reflexão preliminar

Tendo o presente trabalho como título: *Lar Druzo Brasileiro: O Druzismo Verde Amarelo*, para nos aproximarmos do objeto desta dissertação faz-se necessário conhecermos o druzismo, religião dos druzos que justifica a existência do Lar Druzo Brasileiro, e que nas palavras de um dos sócios fundadores Rafic Chaar seria "um lugar que proporcionasse a união familiar, fortalecesse os laços e preservasse os costumes e a tradição".

Para tanto, elaboramos um percurso didático que permitirá ao leitor compreender os principais elementos que caracterizam o “universo druzo”. Nosso ponto de partida é a história da origem da religião até assumir a forma como a conhecemos. Posteriormente, nos debruçaremos sobre a organização, doutrina e práticas que caracterizam essa tradição.

Ao longo do texto teremos a oportunidade de conhecer uma das principais fontes do druzismo que influenciou de maneira significativa a articulação final dessa religião: o xiismo, uma das principais vertentes do Islã. Concentram-se aqui apenas os aspectos que são essenciais para essa compreensão, já que não é nossa intenção trabalhar com todos os elementos que o caracterizam, mas sim, os que são comuns a ambas. São eles: monoteísmo, mahdi, *Id al-Adha* (celebração da Festa do Sacrifício) e *Taqiyyah* (dissimulação).

1.2 Os Druzos

Apresentar os druzos e sua religião, o druzismo, não é tarefa fácil pois as controvérsias começam pelo próprio nome. Apesar de publicamente serem conhecidos como druzos, autodenominam-se Unitaristas, em árabe *Muahidin*. Insistem que essa nomenclatura é mais correta já que anuncia o cerne de sua fé, a crença no Deus único:

Reconhecem Deus Todo-Poderoso como Ser Único e Eterno [...] Uma religião que se desenvolveu, prosperou, amadureceu e cresceu junto ao Islamismo, Cristianismo e outras fés mais antigas (MOUKARIM, 2003, p.11).

Na literatura é possível encontrar diferentes justificativas para o termo druzo. A mais popular estaria relacionada ao missionário Nachtakin Adárazi (daí, druzo), que incumbido de disseminar a doutrina no Líbano e na Síria, traiu sua comunidade alterando as mensagens e os éditos em benefício próprio e por isso acabou sendo morto por seus pares. Outra possível explicação para o termo é apresentada pelo Sheique Nagib Assarauly (1967, p.24):

Outros historiadores afirmam que o nome Durzi (em árabe) não vem de Adárazi e sim do nome do célebre comandante Anujur Adduruzi que dirigiu as forças Fatimitas na Síria e foi vencedor dos Marceditas (habitantes de Alepo), que se movimentaram rumo à Palestina para fazer retroceder as tropas Fatimitas. Afirmam também que o nome Durzi não pode de ser corruptela de Addáraz.

A controvérsia não se limita ao nome, também diz respeito a como diferentes autores apresentam essa religião. Vejamos: Assrauly refere-se a ela como “seita xiita islâmica” à qual foram acrescentadas contribuições de filósofos gregos, gerando um tipo de sincretismo religioso. Makarem a ela se refere como uma “ordem secreta, de cunho esotérico”. Mircea Eliade a classifica como uma seita de *ghulāts*, ou “extremistas”, que proclamam a divindade dos imãs e a crença na metemotose das almas² (*tanāsukh al-arwāh*)” e Firro acrescenta a presença de princípios do hinduísmo à doutrina original.

Por enquanto, em linhas gerais, podemos dizer que druzo é todo aquele que nasce dentro da religião druzá, não havendo conversão, isto é, não há possibilidade de alguém de outro credo tornar-se druzo. Estes acreditam que, perante Deus, o fundamental é a verdade, e que a falsidade é o pior mal. Por serem transmitidos fundamentalmente por tradição oral, os ensinamentos são aprendidos na família, sendo pai e mãe os responsáveis por manter viva a tradição druzá. É na infância que aprendem a língua e os preceitos que alicerçam as regras de convivência; afinal, para o druzo, viver aprende-se vivendo, ser druzo aprende-se no dia-a-dia convivendo, casando-se entre seus pares e enterrando seus mortos, com a promessa de que suas almas reencarnarão novamente como druzos.

²Transmigração de corpos

1.3 As Origens e Período Formativo

O druzismo tem sua origem no século X, no ano de 1017, na cidade do Cairo, Egito³. É fundado no período de ascensão do califa fatimida Al Hakim Bi Amr Allah, "governante por mercê de Deus", quando alguns de seus seguidores, o proclamam *Mahdi*, "a encarnação divina"⁴.

O período que compreende a origem e a formação do druzismo recebe o nome de *Da'wa*, em português, *Chamado Divino*. Inicia-se em 1017, com o reconhecimento do califa fatímida⁵ Al Hakim, como a encarnação do Uno⁶ e caracteriza-se pela pregação e divulgação da nova fé. Após sua morte, desencadeia-se uma série de perseguições e como decorrência dessas, em 1043 encerra-se "o Chamado" e a comunidade torna-se fechada, pois não buscava e nem aceitava novos convertidos. Foram vinte e seis anos de *Da'wa*.

Para compreendermos o que vem a ser o *Chamado* e seus desdobramentos é preciso voltar no tempo. Al Hákim promove a abertura do *Chamado* (1017-1021) em que ele

[...] anuncia uma nova era, na qual a verdade sobre a Unicidade de Deus seria revelada e o conhecimento divino seria aberto para aqueles que tinham se preparado para este momento desde a origem do homem. Editou um decreto, estabelecendo que as pessoas removessem, de si mesmas, as causas do medo, da alienação, do conformismo e encorajou-as a declarar abertamente a sua crença (KADI, 1997, p.50).

Nesse momento a conversão deveria ser voluntária. A aceitação do novo membro acontecia numa convenção, na qual testemunhas atestavam quanto à honestidade, integridade e valor pessoal do candidato. Posteriormente, as listas com os nomes dos novos adeptos eram encaminhadas para o primeiro e o segundo Dignitários. Após serem aceitos na comunidade, os convertidos que acreditavam no novo *Chamado* reuniam-se

³ Algumas fontes bibliográficas datam o druzismo como uma religião que teria surgido no século XI, na Síria.

⁴ Desde o estabelecimento deste califado (união do poder temporal e espiritual), em 909-1171, com uma pregação extensiva, estimulou-se uma expectativa em torno da volta do Mahdi (guiado por Deus, designando o imã de que se espera a vinda ou o regresso), personificado na figura do imã –califa.

⁵ Dinastia que alegava serem descendentes de Ali e Fátima, genro e filha do Profeta Mohamed, respectivamente.

⁶ Deus Único.

de comum acordo, por sua livre escolha. “Ser druzo, portanto, não é uma atribuição divina, mas sim uma escolha, opção consciente, feita historicamente. É considerado como um ato irreversível e naturalizado como uma herança genética” (KADI, 1997, p.51).

Para angariar novas conversões o califa Al Hakim liderou um grupo de cinco homens, espécie de ministros (*hudud*), cuja função básica era servi-lo e revelá-lo como Senhor do universo. São conhecidos como *hudud Sham'a de Tawhid* (vela do Unitarismo), não por acaso descritos como “cinco Luminares ou Dignitários Espirituais”, ou seja, aqueles que de alguma forma são responsáveis pela "vela que emana a luz" da mensagem, que é a Unicidade de Deus. São os únicos que revelaram a religião de *Tawhid* e que chamaram a humanidade a abraçá-la. Cada um deles seria representante de um estado físico e outro espiritual. Durante o *Chamado*, foram eles:

- I - Hamza bin-Ali, conhecido como *Al-AKel*, a Mente Universal (razão);
- II - Ismail Mohammad Al-Tamimi, conhecido como *Al-Nafs*, a Alma Universal;
- III - Mohammad Wahd Al Qurashi, conhecido como *Al-Kalima*, o Verbo;
- IV - Salama Abdel-Wahhab, *Al-Samurri*, a Asa Direita, também conhecido como o Antecessor e a Causa;
- V - Baha Al-Din, *Al-Muqtana*, a Asa Esquerda, também conhecido como o Sucessor e o Efeito (MOUKARIM, 2003, p.18).

Os druzos acreditam que os Luminares são emanções da Mente Universal, repetidamente passam de uma vida para a outra. Para exemplificar, o primeiro dos cinco Luminares: Hamza bin-Ali, *Al Akel* (A Mente Universal), teria aparecido em todas as épocas, mas sob diferentes nomes. São eles: na era de Adão, ele foi Shantil; na era de Noé, ele foi Jibrael; na era de Abrão, ele foi Duwijanis; na era de Isaías, ele foi Cristo; na era de Maomé, ele foi Salman El-Farsi e na era de Al Hakim, ele foi Hámza Bin-Ali.

Entre os Luminares destaca-se a figura de Hamza bin-Ali, que deu vida à nova fé. Considerado o verdadeiro pai da doutrina druzo, mostra-se um pregador incansável, convoca todos os partidários do califa Al Hakim que nele veem a emanção do Uno. Desta forma:

A fé dos druzos vinha da doutrina de Hamza ibn 'Ali ; ele levou em frente a ideia ismaelita de que os imãs eram encarnações das inteligências emanadas do Deus Único, e afirmava que o próprio Uno estava presente para os seres humanos, e havia finalmente se encarnado no califa fatimida Al -Hakim (966-

1021) que desaparecera das vistas humanas mas ia voltar (HOURANI, 2001, p.194).

Por volta de 1018, Hamza se retira para meditar e planejar. Sua relação com Al Hakim fica cada vez mais sólida. Hamza se proclama imã, guia e porta-voz do califa. Em 1021, misteriosamente Al Hakim desaparece. Hamza declara que o califa se retirara, mas haveria de voltar. Quarenta dias após o desaparecimento de Al Hakim, seu sucessor, o califa al-Zahir começou a perseguição aos Unitaristas.

Uma nova fase se iniciou conhecida como *os sete anos de perseguição* (1021 a 1027). Aqui encontraremos duas versões. Uma delas relata que, juntamente com outros três luminares, Hamza se refugia no Cairo, ficando em silêncio durante os anos de perseguição. A outra, narra o desaparecimento de Hamza, bem como dos outros três Luminares:

Hamza teria desaparecido no final de 1021 como o xiita Al-Mahdi, mas aparecerá no fim dos tempos em grande poder e glória para destruir aqueles que rejeitaram a apoteose de Al- Hakim. Depois dele os *hudud* -ministros também desaparecem, com exceção De Baha al-Din al-Muqtana, que assumiu o comando da administração da comunidade druzas- (MOOSA, 2011, p 4).

De 1027 a 1035 o Unitarismo volta a se expandir, agora sob a liderança do *luminar* Baha al Din. Este recebe uma carta de Hamza, “ordenando-lhe escrever, pregar e difundir publicamente a mensagem, enviando missionários e assumindo a responsabilidade do *Chamado* na ausência dos demais luminares” (MOUKARIM, 2003, p.19).

Baha al Din, além de enfrentar a austera perseguição, deparou-se com resistências internas, devido às divisões dentro da própria comunidade, decide pela suspensão do *Chamado* (1035 - 1043). Despede-se de seus companheiros e retira-se. Desta forma, “os Unitaristas se tornaram uma comunidade fechada que não buscava e nem aceitava novos convertidos” (MOUKARIM, 2003, p.20).

Essa perspectiva se mantém até os dias de hoje, permanecendo apenas aqueles que entraram durante os vinte e seis anos em que esteve aberta a *Da'wa* (*Chamado Divino*) a novos fieis. Desde então são considerados druzos apenas aqueles que nascem de pais druzos. Para sobreviverem, os adeptos tiveram que manter segredo em torno da nova fé. Praticando aquilo que chamam de *Taqiyyah* , que consiste em permitir a adoção formal de outra crença, na intenção de proteger a "crença interior". Até hoje, essa perspectiva se mantém.

1.4 Organização

Atualmente podemos encontrar comunidades druzas espalhadas pelo mundo todo, no entanto a maioria está concentrada no Líbano, na Síria e em Israel. Não por acaso, as instâncias representativas desse grupo, tribunais reconhecidos pelo governo local, estão localizadas no Líbano e na Síria, em número de quatro e um, respectivamente.

Os druzos, como grupo religioso, organizam-se a partir dos princípios da religião. O druzismo é uma religião hierarquizada que se estrutura pela liderança dos teólogos (*Maxihhat Akel*). Nessa tradição, identificamos uma estrutura hierárquica, que está sob a coordenação de um líder reconhecido como ministro espiritual de toda comunidade druzas, o qual é denominado sheique *Al Akel*⁷, o sábio (imagem 1) Sua função é liderar a comunidade druzas, dentro e fora do Líbano, bem como supervisionar o tribunais druzos que legislam sobre vários assuntos, dentre eles: divórcio, herança e casamento.

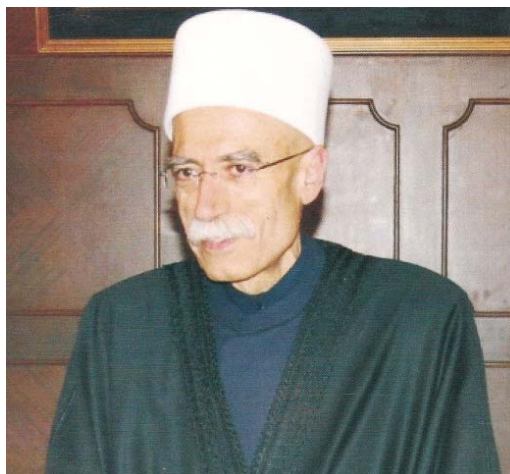


Imagem 1 - Sheique Al Akel Naim Hasan
Revista Al-Rissalah, março de 2007

A comunidade é dividida em duas categorias: os *Uukkal* (plural de *Akel*, sábio, em algumas literaturas é traduzido como inteligentes) e os *Juhal*, (ignorantes ou imperfeitos). Os primeiros são os únicos iniciados no estudo da religião e em seus segredos. Somente eles podem participar de determinadas celebrações religiosas. Nas palavras de Kadi (1997, p.52):

Os *al-Uukkal* diferenciam-se pelo grau de iniciação, dada em parte pela leitura dos *Al Hikmat* (livros de sabedoria) e por méritos próprios e devem praticar rigorosamente a doutrina, abstendo-se de hábitos (fumar e beber) e servindo de exemplo moral à comunidade. Esta distinção pode ser notada pelo tipo de *lafeu* usado pelos homens. Os chefes religiosos possuem um papel de liderança que ultrapassa o limite da atuação religiosa formal e estende-se ao campo da política, atuando inclusive em situações de guerra, como a Civil Libanesa; ou no campo social, como a proibição de uso de som mecânico nas festas e reintrodução do *drbak* (tamborim) e *manjaira* (flauta doce).

⁷ Segundo Kadi, Makarem observa que, embora a palavra *Akel* tenha sido traduzida para o inglês como inteligência, razão, ela não apreende a ideia original que envolve a vontade de Deus, seu pensamento e visão (KADI, 1997, p.49).

A organização do grupo dos druzos gira em torno da compreensão do que vem a ser um sheique e das múltiplas representações que esse termo traz para o grupo. Os sheiques são figuras centrais nesta tradição. Eles podem ser religiosos ou familiares (imagem 2).



Os primeiros são os mais letrados, são os chefes religiosos supremos da comunidade; são líderes dentro da própria comunidade e sua formação se dá por meio do estudo e memorização dos livros sagrados, conhecidos como Livros da Sabedoria (*Al-Hikmat*⁸). Qualquer druzo pode ser sheique, para tanto, é necessário manifestar o desejo de sê-lo, o que significa abrir mãos de vaidades e vícios (bebida, tabaco e jogos) e comprometer-se com princípios da religião que estão atrelados a uma conduta moral irrepreensível, inclusive absoluta fidelidade conjugal. Em alguns casos, mesmo casados, podem tornar-se celibatários. Além disso, há o compromisso com os estudos dos livros sagrados (*Al-Hikmat*). O estudo pode acontecer em casa, nas *Majlis*⁹, ali ensinados pelos *Maxeiqueh*, que são xeiques versados nos preceitos da religião. Normalmente reservam as noites de quinta-feira para suas reuniões.

Posteriormente, podem buscar aprofundamento em lugares reconhecidos como sagrados, como exemplo, podemos citar *Bayada*, localizada na região de Hasbaya, no sul do Líbano. É um local de visitação e retiro. É possível ficar hospedado l  o tempo que julgar necessário para o estudo dos textos. Vale ressaltar que esse lugar é mantido pelos doativos dos visitantes druzos e não druzos.

⁸Conjunto dos Livros Sagrados dos druzos. Ao todo, são seis livros, que cont m cento e onze epístolas escritas pelos Luminares. O primeiro livro cont m catorze epístolas; o segundo, vinte e seis; o terceiro, quinze; o quarto, treze; o quinto, sete e o sexto, trinta e seis.

⁹Templos.

Os sheiques de família (imagem 3) por sua vez, limitam-se ao papel de representantes da família. Exercem a função de conselheiros do "clã". Para tal função não há necessidade de estudo formal. Geralmente, o filho mais velho assume essa posição, caso demonstre competência para tal.



A forma de organização até agora descrita pode funcionar para as comunidades druzas que não vivem a condição de imigrados. No entanto, as comunidades que vivem a realidade da imigração, que não contam com a força da presença da estrutura estabelecida e o "ambiente externo" não ratifica os

princípios anunciados no núcleo familiar, vivem circunstâncias inimagináveis para aqueles que deram origem a essa tradição. Se antes, boa parte das pessoas nascia, crescia e morria no mesmo local, sem outras possibilidades de contato com realidades distintas, na circunstância da imigração é a regra.

É nesse contexto que a organização das instâncias que representam a comunidade druzas começa a mostrar alguns movimentos, que buscam saídas para essa não tão nova realidade. Como exemplo podemos citar a criação do Comitê dos Emigrantes do Conselho Religioso do *Al Mouwahidoun Al Druz*, que convoca os presidentes das entidades druzas do mundo para “garantir, nas suas comunidades, ações que fortaleçam a coesão desse grupo, por meio do reconhecimento das suas raízes árabes, identificando o Líbano como pátria mãe, bem como fortalecendo os laços que os fazem identificarem-se como Unitaristas” (AL-RISSALAH, 2010, p.18). A expectativa é que as comunidades druzas na imigração retomem a estrutura da organização da comunidade de origem.

1.5 Doutrina

Muitos são os aspectos que compõem o corpo doutrinário do druzismo. É inegável que o seu sistema religioso seja bastante complexo e esse trabalho não tem a pretensão de abarcar todos eles, por isso, selecionamos alguns elementos que são estruturais na

compreensão dessa fé. São eles: monoteísmo, o mahdi, a reencarnação, a alma, e a soteoriologia.

Ao adentrarmos o terreno da doutrina druzá, é possível identificar que os princípios que alicerçam essa religião, criada por teólogos, são compostos por vários elementos das tradições que a antecedem, como podemos confirmar nas citações abaixo:

Escritos druzos, antigos e contemporâneos, mostram que seu sistema religioso é um conglomerado de ismaelismo, xiismo, maniqueísmo, zoroastrismo, sufismo, os ensinamentos do *Ikhwan al-Safa* (Irmãos da Pureza), e da filosofia grega, especialmente o neoplatonismo (MOOSA, 2011, p.2).

Margarida Santos Lopes (2010, p.106) destaca ainda que os druzos “reconhecem uma parte do Corão, adaptaram a crença judaica de que Deus é exclusivo e aceitaram a doutrina da reencarnação de Jesus”.

No entanto, apesar de diferentes autores apontarem para a diversidade de influências características do corpo doutrinário druzo, é possível observar que a presença do xiismo merece um olhar mais apurado. Os teólogos dessa tradição encontraram boa parte da sua fundamentação no ismaelismo fatímida. Tal fato pode ser verificado nas terminologias bem como na filosofia presente nos livros denominados *Al-Hikmat*, que têm como tema central a Unicidade de Deus.

A seguir poderemos conhecer alguns aspectos estruturais da doutrina druzá, bem como as afinidades que a aproximam da elaboração xiita.

1.5.1 Monoteísmo

Aqui o druzismo mostra suas raízes. A crença no Deus Único é de tal relevância que os seguidores dessa tradição se auto-identificam como Unitaristas, em árabe, *Muahidin*. Os textos sagrados são enfáticos:

A principal crença dos Unitaristas é a absoluta singularidade de Deus, que não responde a nenhum nome, característica ou expressão; que não gera e não é gerado. Está além da compreensão e do entendimento humano, pois o reconhecimento da Unidade de Deus, sem procurar entender a natureza do Seu Ser, é a base da fé dos Unitaristas. A conscientização do Unitarismo é a meta mais alta, o tesouro mais precioso, a mais nobre realização; é o equilíbrio da Verdade sobre a qual se apoiam o Céu e a Terra (MOUKARIM, 2003, p.21).

O princípio da unicidade de Deus (*tawhid*) tem suas raízes no islã. Afinal, ambos reconhecem Deus como o único criador, o misericordioso, o único amparo, entre tantas outras qualidades, Deus é o único merecedor de adoração.

Mas, apesar do monoteísmo aproximar a fé islâmica do druzismo, os caminhos percorridos pelos muçulmanos e pelos druzos na crença no Deus único bifurcaram-se e os druzos encontraram uma elaboração bastante própria. Um dogma fundamental da tradição druzá é a revelação da divindade em forma humana (*tajalli*)¹⁰. Na concepção desse grupo a divindade deveria fazer-se conhecer.

Segundo Matti Moosa (2011, p.), “o dogma fundamental que separa os druzos de outras seitas extremistas xiitas é a sua crença em Al-Hakim como a divindade e apenas um”. Estamos nos referindo à deificação do califa ismaelita fatímida Al-Hakim bi Amr Allah, bem como a doutrina druzá concede a Hamza ibn Ali al-Zawzani al-Khurasani, um contemporâneo de Al-Hakim, uma posição de destaque em seu sistema religioso. Segundo os textos druzos a divindade quis aparecer em uma forma corpórea, e isso se dá na figura do califa Al-Hakim, considerado aqui a teofania final de Deus. Nessa perspectiva, o califa é a encarnação do Uno (Deus) e que só será enxergado como tal se for visto com "o olho do conhecimento"; em uma abordagem espiritual, o seguidor não vê uma imagem humana, e sim o próprio Deus.

Al-Hakim teria aparecido em 72 ciclos que duraram milhões de anos, mas apenas alguns são conhecidos. Aqui ciclo é compreendido como período entre as diferentes aparições da divindade, até que teria aparecido nos califas fatímidas, dos quais Al-Hakim foi a última manifestação, que agora estaria em segredo até sua aparição no último dia. Este período é chamado de *al-Zaman Sitr* (o período de ocultação).

Atrelada à figura de Al Hakim, está Hamza Bin-Ali, que se outorgou uma posição de divindade no sistema religioso druzo. É possível observar que vários textos druzos são de sua autoria, o que nos permite dizer que parte importante da teologia do druzismo está associada à perspectiva de Hamza. Não por acaso é atribuída a ele a responsabilidade da criação do Unitarismo.

¹⁰ Este dogma é tão fundamental que os druzos se chamam *Banu Ma'ruf*, ou seja, aqueles que *arafu* (atingido) o conhecimento do divino em forma humana.

1.5.2 Mahdi

Segundo a elaboração xiita o mundo não pode prescindir do imã, seja presente ou oculto (como estaria agora o *Mahdi*), já que este é visto como um intérprete autorizado que tem como tarefa dar continuidade à presença do Profeta; em outras palavras, é um guia divinamente orientado por Deus e como tal recebe sua autoridade do próprio Deus.

Como já mencionado, o druzismo é uma religião que apresenta uma forte influência do xiismo. Os principais preceitos religiosos dos druzos são os dos xiitas fatímidas, que por sua vez estão baseados no sistema religioso dos ismaelitas. Em ambas as tradições identificamos a figura do *Mahdi*, o imã oculto: Hamza é o Mahdi do druzismo, isto é, um homem guiado por Deus e por Ele enviado para restaurar o reinado da justiça que precederia o fim do mundo.

Para os druzos, a Mente Universal é Hamza, que se tornou o governante do universo. Ele é uma espécie de semideus, mas suficientemente poderoso que no dia do juízo vai agir em nome da Al-Hakim para julgar se os homens acreditam em Al-Hakim ou o negarão (MOOSA, 2011, p.9).

Hamza teria proclamado a divindade do califa Al-Hakim que, na sua ausência, proclama-se seu imã, guia e porta-voz. De fato, sua atuação é de interlocutor entre a divindade, no caso, emanada na figura de Al-Hakim e os novos seguidores do Unitarismo.

Os relatos druzos apresentam Hamza bin-Ali, *Al Akel* como a *A Mente Universal*, que teria desaparecido no final de 1021 mas aparecerá no fim do tempo em grande poder e glória para destruir aqueles que rejeitaram a apoteose da Al-Hakim.

1.5.3 A reencarnação, alma e a soteoriologia

Indiscutivelmente um dos grandes pontos de divergência entre druzos e muçulmanos é a crença na reencarnação. A perspectiva druzo de reencarnação é chamada de *taqammus*, que significa:

[...] a alternância sucessiva das almas em corpos humanos para que esses sejam testados e purificados. Assim que uma alma deixa um corpo, Deus prepara para

ela renascer em outro corpo. Deus faz isso com grande sabedoria, pois cada alma precisa de um corpo e não pode existir sem ele. (MOOSA, 2011, p.10)

Após essa consideração, não nos causará estranhamento quando Kadi (1997, p.53) afirma que, para o druzismo, a reencarnação “é a base de toda a compreensão de evolução humana, é a evolução espiritual progressiva do homem e faz parte do movimento mais geral do Universo em direção à Doutrina do Uno (*Tawhid*)”.

Para compreendermos o caminho percorrido pelo druzismo para afastar-se da perspectiva islâmica do pós morte, é preciso retroceder às origens desta religião, mais precisamente à figura de Al Hakim, que dentre as várias histórias que envolvem seu califado, uma delas é fundamental na formação daquilo que conhecemos da teologia druz. Estamos falando da criação da Casa da Sabedoria, (*Dar Al-Hikmat*), cuja função era ensinar às pessoas de todas as classes sociais a fé dos ismaelitas. Era um lugar no qual se encontravam teólogos versados não apenas no islamismo, mas também em outras tradições religiosas como zoroastrismo. O conhecimento religioso e o conhecimento filosófico gozavam do mesmo status, ambos vistos como fonte de sabedoria. Não é por acaso que na teologia druz filósofos como Sócrates e Platão são deificados, afinal, são eles que trazem para o druzismo a concepção de alma e a sua relação com a identidade.

Entre os numerosos conceitos elaborados por Platão em seus diálogos, um dos que mais marcaram a reflexão filosófica foi certamente a da alma. [...] propôs uma visão sobre o homem na qual a noção de alma desempenha papel central e está intimamente associada às principais características e aspectos do seu pensamento [...] Platão desenvolve uma análise da natureza humana que afirma forte distinção entre a alma, como sede da identidade, do pensamento e da deliberação, e o corpo, como seu invólucro frequentemente a pôr-se como obstáculo ao pleno exercício de suas capacidades (BOLZANI, 2012, p.25).

Podemos observar que a perspectiva platônica de alma e da relação com a identidade do sujeito reverbera no druzismo, já que nessa tradição acredita-se que ao longo das encarnações a alma vai acumulando conhecimento e discernimento especialmente no que se refere "*ser muahidin*." O fato de ter nascido no seio de uma família druz é indicador de um compromisso assumido na abertura do *Chamado (dawa)*, que atravessou o tempo e o espaço, por isso que para "ser druzo" é necessário nascer druzo, isto já é o suficiente para dizer quem ele é e a que veio, já que é a alma quem carrega a identidade.

O grande objetivo da alma é a busca da pureza, por isso sua passagem pela morada humana é um sério desafio. Para tanto, é importante que, nas suas diferentes vidas, por meio do exercício da verdade, fé, honestidade, integridade, perdão, respeito, modéstia, generosidade, coragem, controle dos anseios e necessidades físicas, entre outras, alcance um maior conhecimento.

Não é de se estranhar que no druzismo, aqueles que fazem a opção pela vida religiosa busquem viver no ascetismo, pois os desejos do corpo são vistos como "amarras" que podem afastá-los da pureza. Muitos dos sheiques reconhecidamente religiosos, quando decidem pela vida religiosa, além de despir-se de qualquer tipo de vaidade, por isso a roupa que os caracterizam (uma espécie de uniforme que os igualam), adotam o celibato. Segundo relatos, mesmo entre os casados não há vida sexual.

Segundo a doutrina desenvolvida por Platão, a célebre doutrina das Formas, existem realidades invisíveis e inacessíveis aos sentidos, apreensíveis apenas pelo pensamento. Ora, o pensamento é a atividade da alma, e esta, para poder conhecer plenamente tais realidades deve alcançar um estado de completa independência das limitações impostas pelas sensações, as quais estão intimamente relacionadas a desejos e paixões resultantes de necessidades corporais, como fome, sede e sexo. Por isso, a alma só alcança esse pleno conhecimento da suprema realidade suprassensível, quando está livre das amarras corporais - depois da morte. (...) Estamos, portanto perante a tese de que a alma sobrevive à morte (BOLZANI, 2012, p.25).

Vale lembrar que ela, a alma, possui condições suficientes para vencer o desafio, desde que o deseje. A ideia é que diferentes experiências, como riqueza, pobreza, sorte, doença, entre outras, oportunizem a redenção da alma. É dessa forma que se realiza a justiça divina.

A imortalidade da alma (...), envolve, assim toda uma visão da realidade, uma metafísica que privilegia o conhecimento do que é puramente inteligível e desvaloriza os eventos relacionados à vida corporal e sensível (...) a alma deve controlar o corpo e viver uma vida, na medida do possível, voltada para valores como justiça e virtude (BOLZANI, 2012, p.26).

Todas as almas humanas foram criadas de uma só vez. Seu número é para sempre fixo e não está submetido a aumentos ou diminuições. As almas estão livres para escolher entre o certo e o errado, afinal são criadas com igual tendência tanto para o bem quanto para o mal.

Os druzos acreditam também que no “Último Dia” as almas recobrarão a memória de todas as existências, em ordem de acontecimentos e obras. Esse dia ou o *Dia do Juízo* é

visto como o fim de uma longa jornada de repetidas existências para que a alma alcance o pleno desenvolvimento. “Gradualmente se aproximará e se unirá à Mente Universal, segundo seu grau de elegibilidade e competência – podendo alcançar a perfeição em sua busca de pureza” (MOUKARIM, 2003, p.26).

A reencarnação permite à alma transcender a experiência humana e sua duração estende-se até o último julgamento, quando será avaliada pelas suas ações e pela adesão ao Unitarismo.

Naquele dia Hamza irá vingar aqueles que derramaram o sangue dos *Muahidin* (druzos), e irá encerrar todas as leis e religiões do planeta. Ele então proclamará o *Tawhid* e os druzos herdarão a Terra para sempre [...] Para os druzos a *Janna* (paraíso) é um lugar espiritual onde só eles gozarão de felicidade por terem conhecido e abraçado a verdadeira religião de *Tawhid*. Esta recompensa final é baseada em sua crença de que eles são os melhores da criação de Deus, isto é, o povo escolhido de Deus (MOOSA, 2011, p11).

No final dos tempos, Al Hakim e Hamza retornarão, trovões e relâmpagos sacudirão a Terra. Aqueles que tiveram uma vida digna e piedosa irão participar do governo do mundo, junto com Deus.

1.6 Prática

Apesar de ser uma religião, com uma doutrina específica, quando nos referimos às práticas que a caracterizam, iremos observar que não estamos “falando” de uma religião convencional, pois a prática unitarista quase não apresenta um ritualismo formal. Nas palavras de Same Makarem (1976 apud KADI, 1997, p.53):

É uma religião simples, que não envolve nenhum ritual. Ela considera apenas a constante busca do homem por sua autorrealização em Deus, a realidade absoluta, sem o qual ninguém pode realizar-se, a menos que ele se afaste de seu próprio ego que o separa e aliena da Unidade que compreende toda a existência.

Alguns autores chegam a afirmar que o druzismo insiste menos nas manifestações exteriores do culto que nas obrigações morais, talvez por isso a prática religiosa encontra-se muito mais voltada ao plano individual que ao coletivo.

A vivência dessa religiosidade não exige necessariamente a sua exteriorização como ida regular ao templo (obrigatória apenas para os religiosos, às quintas feiras) ou cultos coletivos. O exercício da religiosidade fica mais no plano individual, podendo realizar suas orações, ou outra atividade em casa. Esse tipo

de ritualismo os faz parecer muitas vezes como não-religiosos (KADI, 1997, p.58).

Os sete mandamentos druzos, podem ser um bom exemplo, já que deixam claro ambas perspectivas: as obrigações morais, que podemos observar em cada um dos mandamentos e a ação sempre direcionada ao sujeito. Segundo Moukarim (2003, p.21):

1. Falar a verdade.
2. Cultivar e proteger os irmãos.
3. Extirpar os enganos e a falsidade.
4. Rejeitar o vilão e o agressor.
5. Adorar a Deus em todo tempo e lugar.
6. Aceitar alegremente tudo que provém de Deus.
7. Submeter-se espontaneamente à vontade de Deus.

Apesar dessa ênfase da experiência de fé ser vivida no plano individual, não seria correto dizer que o druzismo é uma religião completamente desprovida de práticas coletivas. Grosso modo, poderíamos destacar três momentos em que a comunidade se reúne: O *Id al-Adha*, o casamento e os funerais.

Alguns poderiam sentir falta da menção das reuniões realizadas nas noites de quinta-feira, já que foi neste dia da semana que teve início o *Chamado* e, que também teria ocorrido o nascimento de Hamza bin-Ali. No entanto, a obrigatoriedade da presença está circunscrita apenas ao grupo dos religiosos *Ukkal*.

1.6.1 Eid El Adha Al Mubarak

Os encontros e desencontros com o islã também se dão no plano da prática. Alguns autores afirmam que os sete mandamentos druzos têm substituído os deveres religiosos considerados sagrados pelo Islã: a profissão de fé, a oração, o *zakat* (esmola), o jejum, o *Hajj*, e a *Jihad*. Se olharmos cuidadosamente para cada um dos pilares do Islã, veremos que parte significativa deles está voltada para a prática coletiva. O que dizer das refeições antes da aurora e depois do pôr do sol durante o período de Ramadan? Ou então da peregrinação à Meca?! Qual muçulmano não sonha em estar junto dos seus pares realizando aquilo que é esperado de todo seguidor: que pelo menos uma vez na vida, se tiver saúde e condição financeira, faça o Hajj. Apesar do dever ser individual, a realização acontece na coletividade. Intrigante pensar como o druzismo conseguiu ficar longe de tudo isso.

A única celebração que faz parte do calendário religioso dos druzos tem suas raízes no Islã. É o *Eid El Adha Al Mubarak*, isto é, a Festa do Sacrifício, na qual é celebrada a obediência de Abraão. A festa coincide com o final da peregrinação a Meca, conhecida como *Hajj*, que acontece no último mês do calendário islâmico. Os muçulmanos sacrificam animais para lembrar o carneiro substituído por Deus quando Abraão foi chamado a sacrificar seu filho Ismael, como um teste de fé. Para os druzos não há sacrifício animal, apesar de a carne fazer parte dos pratos típicos dessa celebração. Em ambas as tradições é dia de prece, mas também é dia de festa, dia de reunir a família e amigos que se abraçam e se cumprimentam com votos de *Eid*.

1.6.2 O casamento

O casamento endogâmico é uma das especificidades do druzismo. Tem como princípio a união entre os membros da comunidade, a "mistura" com um não druzo ameaçaria a pureza do grupo, já que seus descendentes não seriam Unitaristas legítimos, não trariam em si o conhecimento acumulado pelas diferentes encarnações. Em muitos casos, a transgressão dessa prática pode trazer como consequência o não reconhecimento da pertença à comunidade druzas, em outras palavras, o transgressor é banido do grupo. As portas até então abertas se fecham para aqueles que não cumprem com o compromisso assumido no *Chamado*.

O casamento na fé Unitarista é monogâmico. A poligamia e os casamentos temporários não são permitidos. Os casamentos são baseados no regime de "comunhão parcial de bens", segundo os próprios druzos, prática inédita em época anterior ao *Chamado*.

Os noivos e as testemunhas dirigem-se a um juiz da seita, onde são arguidos sobre a livre vontade de realizarem a união, constatado o fato, este compromisso é escrito. No Líbano isso acontece quando o casal toma a decisão de casarem-se, o que caracterizaria aquilo que chamamos de noivado. Já aqui no Brasil, isso pode acontecer momentos antes da cerimônia.

Segundo os preceitos druzos, o marido deve tornar a esposa uma sócia paritária e dar-lhe o que é devido de tudo que ele tem. O casamento não é visto como indissolúvel e a

separação ou divórcio são previstos em algumas circunstâncias, como explica Moukarim (2003, p.25):

- a. Caso se verifique que a esposa tenha confrontado o marido e que ele se comportou de forma justa com ela, e que não haja outra alternativa senão a separação ou divórcio, o marido poderá reclamar a metade do que a esposa possui.
- b. Caso o marido seja culpado e ela tenha se rebelado por coação, vai embora com tudo o que ele tem, sem que o marido tenha o direito de reclamar parte alguma.
- c. Caso o marido queira a separação ou divórcio, sem que haja conduta imprópria por parte da mulher, ela tem o direito à metade daquilo que ele tem em riquezas e propriedades, inclusive sua própria camisa.

O casamento endogâmico, sem sombra de dúvida, é o responsável pela sobrevivência da tradição já que a família é a instituição responsável, não só pela aprendizagem daquilo que implica “ser druzo”, bem como pelo fato de ser reconhecido como tal. Em outras palavras, nessa tradição religiosa a pertença à crença não está condicionada a conversão, já que essas não são permitidas, mas sim a uma condição "hereditária", já que para ser druzo é necessário nascer de pai e mãe druzos.

Vale lembrar que há alguns grupos que afirmam que se apenas o pai for druso o filho também pode ser considerado. Na prática, essa regra resolveria o problema que surgiu na imigração. Segundo Assrauy, as mulheres druzas eram proibidas de imigrar, dessa forma, os homens druzos, agora na condição de imigrantes, acabaram casando-se com mulheres não druzas que por sua vez geraram filhos. Se esses não fossem reconhecidos como tal, a imigração representaria uma ameaça à continuidade dessa tradição.

Para os druzos, quando a tradição vigente é quebrada e a pessoa que não segue os padrões estabelecidos pela comunidade é banida do grupo, renegada por todos e essa decisão torna-se irrevogável. Quanto aos filhos, estes não são considerados druzos se forem de uma mulher drusa cujo esposo não pertence a esse grupo religioso. Ao contrário, os filhos de um homem druso, casado com alguém não druso, são considerados druzos, porém são rejeitados por muitos dessa comunidade, pois não terão permissão para se casar com filhos de outros druzos (MAHASSEN, 2009, p.8).

Portanto espera-se que a religião seja alimentada no ambiente familiar, por meio de uma conduta ética e cumprimento do dever, que dentre muitos é casar entre seus pares e dar continuidade à tradição.

1.6.3 Taqqya: Dissimulação, cautela ou prudência?

O termo árabe *taqqya*, traduzido do inglês como dissimulação, pode ser traduzido como cautela ou prudência. “Ao crente era ensinado o uso de fórmulas secretas para se reconhecerem quando se encontrassem. Em ambientes hostis eles eram estimulados a ocultar sua religião, se ela os expusesse ao perigo e a se conformar pela *taqqya*, à maneira do grupo dominante” (SALIBI, citado por FIRRO, 1992, p. 21 apud KADI, 1997, p.56).

A prática da *taqiyya* origina-se no xiismo, e consiste em permitir a adoção formal de outra crença, na intenção de proteger a "crença interior". Em situações nas quais a comunidade sentia-se ameaçada, era esperado que o grupo buscasse caminhos para sobreviver. Essa prática autorizaria o seguidor a ocultar sua fé se isso, de alguma forma, acarretasse perigo para a sua vida. Essa permissão justifica-se na adesão demonstrada pelo povo aos Imãs, o que para as autoridades da época apresentava-se como motivo de ameaça ao poder. Apesar de essa prática ocupar um lugar de importância para a comunidade unitarista, o termo não é encontrado em nenhum livro druzo.

Para o druzismo parece clara a ligação entre a prática da *taqqya* e a dimensão secreta da doutrina. Alguns autores a relacionam ao caráter gnóstico do druzismo, uma vez que só tem acesso ao texto sagrado poucos iniciados e a exposição da "verdade" estaria vetada àqueles que não apresentam as condições necessárias para entendê-la. “O segredo druzo é uma característica inerente à tradição gnóstica, porque é dado somente a poucos iniciados a ler e entender as doutrinas gnósticas. Revelar os mistérios da verdade gnóstica expõe a fé à perversão (FIRRO, 1996, p.21 apud KADI, 1997, p.55).

Para compreender a origem dessa prática e seus desdobramentos no druzismo é necessário recorrer a diferentes autores. Salem, explica que Hamze, após a morte de Darazi, temendo o crescimento da nova seita e das divergências que poderiam vir, decide pela proibição da pregação; Assrauy e Salibi atribuem à perseguição sofrida pelos druzos o elemento determinante para a prática da *taqqya*; Makarem a considera o maior fator de manutenção do segredo da doutrina usada em situações de perigo externo. Seja lá como for, o fato é que "a prática da *taqqya* tornou-se uma instituição importante na organização do druzismo como um grupo fechado" (KADI, 1997, p.55), explicando assim um dos principais aspectos que caracterizam a organização da

comunidade druzas, que é a divisão entre os iniciados, os *Uqqal* e o restante os leigos, os *Juhhal*.

Importante mencionar que essa prática pode ser observada nos dias de hoje. Como exemplo, podemos citar o fato de integrantes da comunidade druzas batizarem seus filhos na Igreja Católica para sentirem-se mais seguros em relação à própria inserção na sociedade brasileira.

Se no passado, *taqiyya* foi a forma encontrada para proteger a comunidade, atualmente encontram-se controvérsias em torno dela e dos desdobramentos que acompanham a comunidade. A questão posta por Mahassen (2009, p.25-26) faz pensar:

Essa perspectiva se mantém, causando males e prejuízos aos druzos, por desconhecerem sua crença, quer historicamente quer socialmente. Entendemos não haver, pois, nenhuma razão nos dias de hoje para que o mistério perdure, mas que se deveria transmitir aos filhos o conhecimento de sua religião, já que os druzos crescem e se multiplicam na imigração sem conhecer absolutamente nada do credo de seus pais.

O fato de o conhecimento da doutrina não ser compartilhado, no contexto de imigração, poderá ser observado nas entrevistas apresentadas no capítulo três desta dissertação, pois, quando perguntado da disponibilidade para entrevistas, vários respondiam que era melhor procurar alguém que entendesse da religião, como exemplificam os depoimentos a seguir:

O problema que eu não sei nada sobre nossa cultura e religião, [...] seria melhor fazer a entrevista com alguém que entende dos costumes, né? (N.F)

Eu sou druzas porque nasci de pai e mãe druzo, e não conheço nada, casei com druzo, separei. Hoje eu acho lindo! Faço questão de dizer que sou druzas! Eu vou falar o que eu acho, eu não sei nada [...] Gostaria que a gente fosse mais esclarecido. (N.H)

Atualmente a situação só tende a agravar-se já que a probabilidade de encontrar outras referências fora do universo do druzo são reais, já que a boa parte da própria comunidade reclama da falta de elementos que os façam compreender a identidade druzas, no dito popular "aquilo que não encontramos em casa, a gente procura na rua".

Capítulo II – LAR DRUZO BRASILEIRO: DO PASSADO AO PRESENTE

Considerando que o foco dessa pesquisa é identificar em que sentido o Lar Druzo Brasileiro São Paulo¹¹ - LDB – SP - é fonte identitária para o ser druzo no Brasil, dito de outra forma, em que medida essa instituição proporciona aos seus membros referenciais identitários da tradição druzá, faz-se necessário recuperar a história desta associação, bem como as ações que promovem o exercício dessa identidade entre os pares da comunidade.

Para resgatar essa história foram consultadas diferentes fontes, dentre as quais estão os estatutos de 1969 (imagem 1), posteriormente reformulado em 1988 (imagem 16), atas de reunião, revistas do LDB e fotografias que são parte do acervo da instituição e dos associados, que também colaboraram com seus relatos de uma memória que se faz viva na reconstrução dessa história.

Na tarefa de conhecer aspectos identitários, que permitam aos associados reconhecerem-se como druzos, partiremos das motivações e circunstâncias que envolveram a fundação do LDB; conheceremos o caminho criado pelas diferentes lideranças, que na preocupação de unir o passado ao presente, criaram caminhos que de alguma forma envolvessem não só a geração imigrada como aqueles que nasceram e nascerão longe das raízes que os geraram. Para tanto, serão apresentados alguns dos principais elementos que caracterizam essa instituição: estrutura física e financeira, atividades não religiosas e religiosas que são realizadas *intra e extra muros*.

2.1 A chegada

Os druzos chegaram ao Brasil como parte de um grupo maior, os árabes. Foram milhares de imigrantes sírios, libaneses e palestinos que desembarcaram no país entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do XX.

Segundo Hajjar¹²(1985 apud KADI, 1997, p.75) a chegada dos druzos no Brasil se deu por volta de 1885/1890:

¹¹ O Lar Druzo Brasileiro será identificado pela sigla LDB.

¹² Hajjar (1985, p.2), in Kadi p. 75

[...] sendo que os primeiros oito imigrantes homens se aglutinaram em Teófilo Otoni e formaram uma grande família, que chegou a possuir 176 membros. Quando o patriarca e centralizador das atividades morreu, as principais ramificações foram emigrando, uns para o norte e outros para o sul.

Kadi (1977, p.76) complementa que:

No Brasil, a data inicial da imigração druzza é 1890, aproximadamente representada pelas famílias Hamze, Hamdan, Dabien e Mattar que se fixaram, inicialmente, em Minas Gerais, atraídos pelas características montanhosas de seu relevo, muito semelhantes às de suas cidades de origem no Líbano e Síria.

Entre 1908 e 1941, observou-se um número significativo de árabes de diferentes credos aportando no nosso país. Entre estes apenas 15% eram identificados como muçulmanos, que podiam ser sunitas, xiitas, alauítas ou druzos, aqui classificados de maneira equivocada como muçulmanos.

O grupo druzo aparece em vários trabalhos só como constatação da sua existência, sem merecer, contudo um tratamento específico, em parte devido ao pequeno número ou pelo reconhecimento de que a maioria dos emigrados para o Brasil era composta de cristãos (KADI, 1977, p.74).

Para aqueles que permaneciam ligados à comunidade de origem, a questão da identidade religiosa ocupava um lugar de destaque, tanto que já no início do século XX podemos encontrar registros da criação de instituições religiosas. Inicialmente eram sociedades beneficentes e centros de juventude, só depois viriam a ser os locais de culto. “A intenção era promover formas de solidariedade entre os membros e compartilhar suas tradições com as novas gerações” (PINTO, 2009, p.25).

Do ponto de vista cronológico os árabes muçulmanos, mais tardiamente que os cristãos, criaram suas instituições, como por exemplo, a Sociedade Beneficente Muçulmana de São Paulo, criada em 1929. Os druzos, que no processo migratório foram identificados como muçulmanos, mas na realidade não o são, também buscaram criar suas próprias instituições.

Como a principal área de imigração dos druzos foi Minas Gerais, lá se concentraram suas primeiras instituições. Em 1929, foi fundada a Sociedade Beneficente Druziense em Oliveira (MG), transferida para Belo Horizonte(MG) em 1956. Em 1969, é criado o Lar Druzo Brasileiro em São Paulo (SP), e mais recentemente, em 2009 o Lar Druzo de Foz do Iguaçu(RS) (PINTO, 2009, p.27).

Vale ressaltar, que não foram todos os imigrantes druzos que formalizaram canais de agregação étnica, já que, até então, o número reduzido de famílias existentes na ocasião

não viabilizava tal projeto. Desta forma, ficou para o espaço familiar realizar esse papel, seja por meio de visitas sistemáticas seja pelas festas que proporcionavam a reunião entre os pares dessa colônia.

Segundo os relatos dos nossos entrevistados, após a década de sessenta houve incremento da imigração dos druzos para São Paulo, época em que aumentou o interesse e a necessidade de terem sua própria representatividade, pois toda sociedade árabe tinha suas agremiações representando suas regiões ou religiões.

2.2 Fundação do Lar Druzo Brasileiro

Para compreendermos a natureza do que vem a ser o LDB, é necessário reforçar alguns pontos que já foram mencionados no primeiro capítulo, como por exemplo, o fato de somente um grupo específico ter autoridade para "falar" sobre a religião, já que no druzismo apenas os iniciados têm contato com os textos sagrados. Apesar de druzos, os que aqui chegaram não tinham autorização de criar um espaço dedicado aos cultos religiosos. A circunstância da imigração e as dificuldades características de quem busca uma vida melhor, alimentado pelo sonho de retornar a pátria mãe, o Líbano, fez com que o grupo responsável pela fundação do LDB criasse um espaço que aproximaria as famílias druzas, criando aqui um "mini Líbano, dentro de um outro país" (MAHASSEN, 2009, p.8), no nosso caso o Brasil.

Em uma reunião informal com comerciantes da Rua 25 de março, Sr. Ramez Saad, que sempre reclamava da ausência druzos nos eventos e recepções sociais, prontificou-se a convocar os druzos da capital, e num só dia convocou todos os druzos da redondeza. Com o objetivo de juntar a colônia, as reuniões aconteciam a cada dez dias. Afinal, era necessário angariar contribuições para a criação da sonhada associação. Para tanto, as visitas eram feitas bairro a bairro e cada um contribuía de acordo com suas possibilidades.

Aos dez dias de setembro de 1969, os senhores Sheik Chakib Takieddine, Najm Rachid El Andari, Naim Rachid, Chafic Abdul Khalek, Nabih Abou El Hosn, Dr. Fauzi Sanjad, Munir Zahreddin, Fawaz Monzer, Youssef El Masri, Khalil Halabi, Ramez Ghannam,

Salim El Awar, Ramez Sayad e Rafic Chaar reuniram-se na casa da família El Andere para criar o Lar Druzo Brasileiro em São Paulo.



Nas palavras do sócio fundador Rafic Chaar e grande responsável no processo de localizar os druzos, não só na cidade de São Paulo, mas também fora dela:

A fundação do Lar Druzo Brasileiro de São Paulo, veio atender às aspirações de muitas famílias Unitaristas Druzas radicadas na grande São Paulo e no Brasil. A preocupação de todos era constituir um ambiente que reunisse estas famílias, proporcionando a união familiar, fortalecendo os laços e preservando os costumes e a tradição (**ENTIDADE RESPONSÁVEL veja bibliografia**).

Depois de discutidos os objetivos e lidos os artigos e parágrafos do Estatuto Social de 1969, dentre os quais se encontram elencadas as finalidades do então recém-nascido LDB.



Artigo 1 - O LDB, fundado em 10 de setembro de 1969 é uma sociedade civil, de duração ilimitada, sem fins lucrativos, com sede na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, Brasil.

Artigo 2 - O LDB tem por finalidade desenvolver a vida social, recreativa, cultural e esportiva de seus associados e para isso deverá:

- a) Manter sua sede como centro de convivência social para congregar os associados e suas famílias.
- b) Promover festas sociais culturais, literárias, recreativas, esportivas, excursões e convívios.

- c) Incentivar os interesses dos sócios pela cultura árabe e brasileira mediante publicação de uma revista periódica, realizando conferências, audições lítero-musicais, representações teatrais, espetáculos cinematográficos e cursos de língua árabe.
- d) Manter uma biblioteca.
- e) Estimular a prática de esportes amadores entre os seus associados e suas famílias.

f) Estabelecer relações sociais, culturais e esportivas com associações congêneres no país ou fora dele. Ao lermos o texto que apresenta as finalidades do LDB, fica explícita a natureza social da instituição, em contrapartida à religião, que é o elemento comum entre os membros do recém nascido LDB, é vista com reservas, como podemos observar na escrita do estatuto de 1969, especificamente no artigo 24 do Capítulo VI do Estatuto (p.11) em relação aos deveres do sócio, que orienta o associado a "abster-se de qualquer manifestação ou discussão sobre assunto de natureza política ou religiosa, nas dependências do LAR". No Estatuto reformulado em 1988 (p.8), essa fala é revista: "abster-se, nas dependências do LAR, de qualquer manifestação ou discussão que venha perturbar a ordem".

Estatuto aprovado, o próximo passo foi eleger a primeira diretoria, assim constituída:

Presidente: Chakib Takieddine;
Vice-presidente: Chafic Abdo Kaled;
Secretário Geral: Fauzi Said Sanjads;
1o Secretário: Youssef Masri;
2o Secretário: Salim El Aoaur;
1o Tesoureiro: Fawaz F. Mounzer;
Diretor Social: Nabih Abou El Hosn;
Sede: Munir Zahreddine;
Dir. Cultural: Ramez Takieddine.

Em um primeiro momento, acordou-se que a sede social ficaria provisoriamente na residência do Sr. Chafic Abdo Kaled, localizada à Avenida Senador Queiroz, 579, apartamento 1.102, em São Paulo, capital. As reuniões aconteciam a cada dez dias.

2.3 O estabelecimento do LDB como espaço físico

Após os esforços desse primeiro grupo, veio a aquisição de um espaço físico que pudesse acolher a colônia, isto é, a sede própria, um salão que tomava todo primeiro andar de um edifício localizado à Rua Paula Souza (imagem 3), região central de São Paulo. Apesar do local comportar aproximadamente 300 pessoas, o espaço tantas vezes

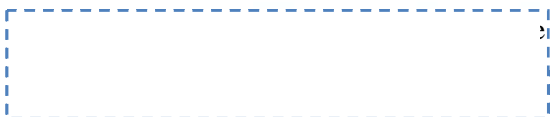
ocupado por completo, demandou a busca por um lugar que pudesse acomodar melhor a colônia. Assim, em 1974 foi adquirido o terreno (imagem 4), onde posteriormente seria

construída aquilo que atualmente conhecemos como a sede do LDB, localizada à Av. Conselheiro Moreira de Barros, 569 A - Alto de Santana.



Segundo as revistas do LDB (p.1), o plano inicial era construir uma sede “com mil e duzentos metros quadrados de área, equiparando-se a outras sociedades árabes do continente brasileiro”. No plano piloto da nova sede havia a previsão da construção de um grande salão de festas, com capacidade para acolher 600 pessoas na parte superior, enquanto na parte inferior o espaço seria destinado a biblioteca, sala de visitas, sala de televisão, um pequeno restaurante, e um local reservado a diretoria, tesouraria e secretaria.

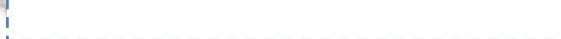
A cerimônia de lançamento da Pedra Fundamental (imagem 5) aconteceu no dia 31 de outubro de 1982. A construção da sede contou com a colaboração dos associados, druzos do Brasil, bem como do exterior, como por exemplo do Sr. Muinir Zahr Eddine, radicado na Venezuela. Quando o terreno da sede atual foi comprado, já havia no local uma casa, que em um primeiro momento funcionou como sede temporária (imagem 3) para o "novo LDB".



Quando a sede ficou pronta, o associado

Mahmud Bahma trouxe a proposta de alugar parte do espaço para o Banco do Brasil, iniciativa que dividiu opiniões, enquanto alguns viram nessa oportunidade a autonomia financeira da instituição, outros foram contrários entendendo a circunstância como um desvio de rota, já que a finalidade do LDB era oportunizar um espaço de encontro da colônia, como previa o estatuto.

Os planos iniciais foram parcialmente realizados. Prevaleceu a posição daqueles que eram favoráveis ao aluguel e atualmente o Banco do Brasil é inquilino do LDB. Como sede propriamente dita encontramos um prédio (imagem 7 e 8), com os 1.200 m² de área construída, no entanto, parte desse espaço é ocupado pelo Banco do Brasil. O espaço reservado à sede, propriamente dita, refere-se a dois andares, sendo que no primeiro encontramos dois salões de festa, que somam 600 m² (imagem 9, 10 e 11), os quais são alugados para eventos, que não necessariamente precisam ser atrelados à comunidade druzá. No pavimento superior encontramos um espaço aberto com churrasqueira (imagem 14), uma ante sala bastante espaçosa, que ostenta nas paredes as fotos de todos aqueles que ocuparam a presidência do LDB (imagem 12 e 13), uma sala de reuniões (imagem 13) e uma outra sala destinada ao sheik da comunidade.



al

2

or.

a 37

Vale observar que segundo registros nas revistas do próprio LDB, encontramos "falas" que externavam o desejo da nova sede abrigar um lugar dedicado aos ofícios religiosos. Abaixo podemos acompanhar um fragmento da mensagem deixada por uma visitante, Leila Chammá:

Um dia ao voltar ao Brasil espero ver um LDB em seu novo prédio e que nele não haja só salões de festas e de jogos, mas, que encontremos um novo edifício, um salão no qual nas quintas-feiras possamos transmitir aos jovens de hoje as palavras do nosso livro sagrado (LDB, 1981, p.4).

2.3.1 Financiamento

Atualmente a entidade apresenta algumas fontes de renda, sendo que a principal é o aluguel do imóvel utilizado pelo Banco do Brasil. Também compõem a receita do LDB os aluguéis dos dois salões de festa e a eventual venda de títulos para novos associados. A partir de dezembro de 2011 foi instituída uma taxa anual de manutenção no valor de R\$200,00, que posteriormente, por decisão da diretoria e do Conselho Deliberativo, decidiu-se pela isenção da mesma.

2.4 Lideranças

No primeiro estatuto as instâncias de poder apresentam um formato diferente do atual. Inicialmente encontramos quatro categorias: a Diretoria, o Conselho Fiscal, a Assembleia Geral e a Assembleia dos Fundadores. Quase duas décadas depois, em 1988, com a reformulação do Estatuto (p.11) é criado o Conselho Deliberativo, que segundo os documentos do LDB seria "formado pelos sócios idosos dando assim oportunidade para a nova geração assumir a direção executiva da Diretoria" (imagem 15). Interessante notar que tal decisão já demonstra certa preocupação de renovação, que pretende compromissar a segunda geração com o destino do LDB, sem descartar a "velha guarda", expressão utilizada pela primeira geração, para denominar aqueles que foram responsáveis pela fundação do Lar. A primeira diretoria tinha caráter provisório, por isso seu mandato durou apenas quatro meses, até 31 de dezembro de 1969. Na sequência, mais precisamente 05 de janeiro de 1970, foi eleita uma nova diretoria, considerando a estrutura apresentada no estatuto que previa que o corpo diretivo fosse composto por treze membros, distribuídos nos seguintes cargos: Presidente; Vice-Presidente; Secretário Geral; 1o Secretário; 2o Secretário; 1o Tesoureiro; 2o Tesoureiro;

Diretor Social; Diretor de Patrimônio; Diretor da Sede; Diretor Cultural; Diretor Esportivo e Diretor Recreativo.



Atualmente o LDB está na sua 28ª diretoria, que é eleita a cada dois anos. A proposta inicial era que as eleições para diretoria fossem anuais, no entanto, a partir da sexta diretoria (biênio 1975 a 1977) o mandato passou a ser bienal. As reuniões do corpo diretivo são semanais, desde que haja o quórum mínimo de sete participantes, contando com a presença do Presidente ou seu substituto.



Na imagem 16 podemos observar a galeria de fotos dos Presidentes do LDB, desde a fundação, até os dias atuais. Ao todo foram vinte e sete diretorias, sendo que alguns deles acumularam mais de uma gestão, por isso observamos apenas vinte fotos. Na tabela a seguir estão elencados todos os presidentes que passaram pela diretoria do

LDB. Vale lembrar que o período entre 1969 a 1988 é apelidado de "velha guarda" e a partir de 1988 notaremos diretores mais jovens.

Galeria dos Presidentes			
<i>"Velha Guarda"</i>		Início	término
1a	Chakib Takieddine (in memorian)	10/09/1969	21/01/1971
2a	Nahim Rachid	22/01/1971	28/01/1971
3a	Nahim Rachid	29/01/1972	09/02/1973
4a	Said ChoaiB (in memorian)	10/02/1973	25/01/1974
5a	Najm El-Anderi	26/01/1974	21/01/1975
6a	Ammar Helal	22/01/1975	21/01/1977
7a	Amim Dau (in memorian)	22/01/1977	17/03/1978
8a	Afif Char	18/03/1978	27/03/1980
9a	Said ChoaiB (in memorian)	28/03/1980	31/03/1981
10a	Samak El Awar (in memorian)	01/04/1981	29/03/1982
11a	Samak El Awar (in memorian)	30/03/1982	28/01/1983
12a	Nahim Rachid	29/01/1983	11/04/1984
13a	Nassib Timani	12/04/1984	14/04/1985
14a	Ammar Helal	15/04/1985	04/05/1986
15a	Ammar Helal	16/05/1986	15/06/1986
<i>"Jovem Guarda"</i>			
16a	Carlos Ghabar	17/07/1988	17/03/1990
17a	Walid El Anderi	27/03/1990	25/04/1992
18a	Walid El Anderi	19/05/1992	25/03/1994
19a	Sleiman H. Ghebar	11/07/1994	25/05/1996
20a	Fahed Alameddine	18/06/1996	15/03/1998
21a	Mahmoud Saleh Bahmad	14/04/1998	26/03/2000
22a	Imad Mounzer	15/06/2000	17/03/2002
23a	Fauzi Said Tanouri	11/04/2002	14/03/2004
24a	Yasser Hassan GhoBar	08/04/2004	30/03/2006
25a	Haissan Rafic Al Masri	19/04/2006	30/03/2008
26a	Zayed El Tawel	09/04/2008	21/03/2010
27a	Fouad Abou Daher	30/03/2010	25/03/2012
28a	Housseam Karame	26/03/2012	

O Conselho Deliberativo, como já citado anteriormente, foi implantado em 1988 com o intuito de adaptar a conveniência da comunidade e atender a evolução surgida em duas décadas de existência do LDB. É composto por quatorze sócios idosos da comunidade, isto é, membros com idade superior a 45 anos e tem como objetivo valorizar a experiências dos mais velhos e, ao mesmo tempo, dar à nova geração a oportunidade de assumir a direção executiva. Os candidatos devem inscrever-se e então são votados pela comunidade. A eleição acontece a cada quatro anos em assembleia geral dos associados do LDB, conforme seu estatuto.

O Conselho Fiscal é formado por três membros efetivos e outros três suplentes, sendo que o início e o término do mandato da comissão fiscal coincidirão com a Diretoria.

A Comissão de Damas já aparece no primeiro estatuto, mas não como uma instância de poder. A proposta é que essa comissão fosse formada por dez senhoras ou senhoritas indicadas pela diretoria, devendo ter obrigatoriamente uma

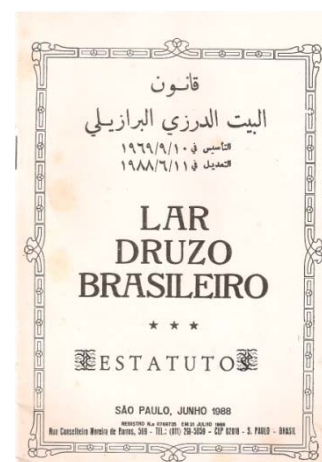


presidente, uma secretária e uma tesoureira. Seguindo o mesmo critério utilizado para o Conselho Fiscal, o início e o término do mandato coincidirá com o da Diretoria. Atualmente essa comissão é chamada de Liga das Senhoras (imagem 17) e é tradicionalmente é liderada pela esposa do presidente. As demais participantes geralmente são esposas dos membros da diretoria. Vale lembrar que isso não é uma regra, já que atualmente algumas das senhoras que fazem parte da liga são viúvas e ainda participam ativamente da comunidade.

Vale destacar que no biênio 2010/2012, especificamente compondo o grupo da Liga das Senhoras Druzas, chama atenção um cargo que até então não aparece, que é a diretora de assunto religioso, atribuído a Sra. Najat Zaheredine.

2.5 Os Associados

Atualmente, para fazer parte do quadro social do LDB é necessário ser apresentado por alguém que já seja membro, "além de gozar de bom conceito" (ESTATUTO, 1988, p.4) na comunidade druzá. Em seguida a Diretoria encaminhará a proposta ao Conselho Deliberativo, que então deferirá ou não a entrada do novo associado. Sendo aceito, deverá assinar proposta contendo sua qualificação, e pagar as taxas estatutárias.



Apesar de não encontrarmos registros precisos quanto ao número de associados que faziam parte no momento da fundação (1969), já que boa parte do acervo foi perdido entre mudanças e reformas realizadas ao longo desses anos, a memória daqueles que participaram dos primeiros anos de vida do LDB arriscam dizer que o número de famílias que residiam em São Paulo e formavam esse primeiro grupo girava em torno de cinquenta.

Na diretoria 86/88, foi realizada uma atualização do quadro social, todos os associados foram recadastrados e classificados a partir do local de residência, isto é, os membros da grande São Paulo, que foram contabilizados em 151 associados e 76 seriam aqueles que moravam fora da grande São Paulo, somando um total de 227 sócios. Vale lembrar que aqui entraria pessoas de diferentes estados do Brasil, desde o Paraná até Belém do Pará.

Uma nova atualização aconteceu em 2012, que contabilizou 496 associados. Apesar de estar sediado na cidade de São Paulo pudemos verificar que os associados estão espalhados pelo Brasil. Há registros de associados no Rio de Janeiro (4), Espírito Santo (4), Minas Gerais (88), Paraná (126), Brasília (10), Goiás (18), Rio Grande do Norte (09), Pará (81), Amazonas (05), Roraima (06), Ceará (01), Mato Grosso (02) e Mato Grosso do Sul (04).

A existência do LDB está condicionada ao mínimo de vinte associados, como prevê o Estatuto de 1969 e 1988, Título VI, Artigo 95 (p.24):

Será considerada legal a sociedade, enquanto o quadro social registrar um mínimo de vinte sócios. Quando o número de sócios chegar a menos de vinte ou quando por motivos imprevisíveis e inevitáveis, tornar-se necessária a dissolução do LDB, proceder-se-á ao pagamento de todo o seu passivo [...] O saldo remanescente deverá ser enviado à entidade DAR-EL-TAI-FAT EL-DURZIAT - Beirute, Líbano, a título de doação.

2.6 Atividades

Sabemos que a convivência entre os pares é o elemento que garante a sobrevivência desse grupo, por isso a existência de um local, que proporcione o encontro e a vivência das tradições herdadas pelas gerações anteriores torna-se fundamental. Esse é um espaço que foi concebido para privilegiar o convívio social, por isso não é de se

estranhar que a maior parte das atividades promovidas pelo LDB não sejam de natureza religiosa, apesar de ser esse o elemento que os vincule.

Na empreitada de atingir os objetivos anunciados na fundação dessa instituição, o LDB ao longo de seus quarenta e três anos de existência promoveu e promove várias atividades, que podem ser classificadas como não religiosas e religiosas.

2.6.1 Calendário de atividades

De forma geral as festividades são ocasiões em que a comunidade se reúne para mergulhar nas próprias tradições. A língua árabe, apesar de dividir espaço com o português, ainda é a vedete. Tanto no passado como no presente, está viva nos discursos das lideranças, nos cumprimentos entre os patrícios, nas revistas produzidas pelo LDB, nas músicas e na dança que os reúnem nas rodas de *dabque*. Na intenção de preservá-la, o LDB oferece, na própria sede, um curso de árabe para os membros da comunidade. Apesar dos alunos, na sua maioria, falar o idioma em casa, não dominam a leitura e a escrita da língua. O curso acontece aos sábados, no período da tarde.

Se de um lado a tradição da pátria mãe - o Líbano - por meio da língua, se faz presente, do outro a pátria de adoção - o Brasil - marca presença. Também nas tardes de sábado está programado o futebol. Os simpatizantes do esporte encontram-se numa quadra alugada, já que não há espaço adequado na sede do LDB para a prática de esportes.

Talvez, as tardes de sábado possam ser uma metáfora adequada para nos aproximarmos do universo chamado LDB. Se de um lado temos o curso de árabe, representando a raiz, a tradição, do outro temos o futebol, que creio ser desnecessário explicar o quanto de brasilidade está contido nesse esporte. Não por acaso, na Copa do Mundo de Futebol, evento máximo desse esporte a comunidade druza se veste de verde-amarelo para torcer para a segunda pátria, o Brasil (imagem 19).

COPA DO MUNDO 2006 grande celebração no lar druzo brasileiro



No dia do jogo da copa do mundo Brasil x Austrália, muitos associados preferiram estarem juntos nas dependências do LDB. O jogo foi emocionante e todos apreciaram os momentos em que juntos estivemos.



Da esquerda - Dr. Walid El Andere, Yasser Ghabar, Dr. Rafic Saab, Basim Jamal, Ziad Bouiakhreidine e Carlos Ghabar

Al-Rizalah - 1º ano / Nº 1º / 2º Trimestre 2006

Foi nesse cenário que o LDB, nasceu e se criou. Por isso não é de se estranhar que atualmente a maior parte dos eventos promovidos pelo LDB estejam atrelados ao calendário civil brasileiro, tais como o Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, Festa de Ano Novo e, curiosamente, as Festas Juninas, data que, apesar de identificada com a tradição católica, também faz parte desse calendário. Podemos observar na imagem 22 as tradicionais quadrilhas sendo reproduzidas pelo grupo. Já na imagem 23, ainda nos festejos juninos, vemos as rodas de *dabque*. Parece que os ecos da *taqqya* ainda se fazem presentes, não mais para proteger-se da perseguição, mas ainda para buscar elementos de sobrevivência e, certamente um deles é a experiência da reunião, já que nela são criados os laços de coesão do grupo.

Apenas três datas são específicas da comunidade druzo: o aniversário da fundação do Lar Druzo, a independência do Líbano e o *Eid Al-Adha Al Mubarak*, única festa religiosa presente no cronograma das celebrações, já mencionado no capítulo I.

Compondo com as atividades de caráter religioso, atualmente o LDB disponibiliza nas tardes de sexta-feira o "plantão do sheique", para que os membros da comunidade

possam ter um contato mais personalizado com o líder. Seja para buscar aconselhamento ou até mesmo para saber mais sobre elementos da tradição religiosa a qual pertence.

A tabela a seguir facilita a visualização:

		Atividades Não Religiosas	Atividades Religiosas Relacionadas Ao Druzismo	
Atividades Semanais	Sexta -Feira		Plantão do Sheique	
	Sábado	Aulas de Árabe		
		Jogo de Futebol		
Atividades Mensais	Último domingo do mês	Almoços (imagens 31, 32, 33 e 34)		
Atividades Anuais	Janeiro			
	Fevereiro			
	Março			
	Abril			
	Maio	Dia das Mães (imagens 24,25 e 26)		
	Junho	Festa Junina (imagens 22 e 23)		
	Julho			
	Agosto	Dia dos Pais (imagens 27 e 28)		
	Setembro	Aniversário da Fundação do LDB (imagem 22) e Independência do Líbano (01/09)		
	Outubro	Dia das Crianças (imagem 29 e 30)		
	Novembro			
	Dezembro	Festa de Ano Novo (imagem 21)		
		Festa móvel		Eid Al-Adha Almubarak (imagens 53 e 54)
Atividades Sazonais				
Atividade Bienal			Convenção Internacional Druza Convenção Brasileira de Jovens Druzos (imagens)	
		Copa do Mundo de Futebol		

2.6.2 Atividades não religiosas

Das atividades promovidas pelo LDB, algumas ficaram no passado, outras persistem até os dias atuais, como os jantares ou almoços, que anteriormente, além das datas festivas, aconteciam no último final de semana de cada mês. Sem a preocupação de lucro, um buffet era contratado e o custo era rateado entre os participantes. Segundo os relatos dos associados, a presença da música árabe e as rodas de *dabke* eram obrigatórias, não havendo distinção de idade ou sexo, sendo um grande momento de comunhão entre os pares.





no Dia





Nas descrições encontradas sobre as diferentes comemorações notamos a preocupação de apresentar elementos que remetem à comunidade de origem, seja nas poesias árabes lidas no dia das mães, na comida (imagem 29), nas músicas árabes (imagens 20, 21, 23) e tocadas ao som de instrumentos típicos (imagem 31), nas danças (imagens 20, 21, 23 e 24) e nos símbolos orgulhosamente expostos: bandeira druzas e a foto do herói Kamal Jumlat.



12)



Os almoços com cara de piquenique também participam da categoria das atividades que sobreviveram. Antes promovidos em uma das chácaras de Poá, o local proporcionava aos clientes a escolha do "seu" carneiro, que seria abatido e então consumido comunitariamente num grande churrasco. Outra modalidade, muito menos sofisticada, eram os encontros informais no espaço do LDB, onde famílias combinavam o almoço de domingo, seguido de chimarrão.

Atualmente esses encontros podem acontecer na própria sede do LDB, onde cada família leva um prato para compartilhar com os demais, ou também em sítios (imagens 31, 32, 33 e 34) que são alugados pela instituição, já que a sede propriamente dita não oferece estrutura para esse tipo de encontro. Nas entrevistas, quando perguntado aos associados o que eles gostariam de ver no LDB, alguns explicitam o desejo que o LDB tivesse uma sede de campo, nas quais as famílias pudessem se reunir aos finais de semana.

Queria um clube com fazenda. Como uma chácara com piscina, para os jovens se conhecerem, para reunir moços e moças, pra ter casamento.

Se algumas atividades ainda permanecem no LDB, outras não tiveram o mesmo êxito, dentre os quais destacamos o Grupo Folclórico Fakre Eddine e as exposições culturais.



o grupo
ão:

O grupo folclórico Fakre Eddine¹³ (imagem 35, 36 e 37), atualmente faz parte apenas da memória da primeira e segunda geração dos associados. Criado em 1973, o nome é uma homenagem à memória de um herói druzo. Tinha como objetivo divulgar a cultura druzo, aproximando a nova geração das tradições de seus antepassados, já que as apresentações tinham como proposta resgatar o

folclore do povo druzo e por meio das danças e

¹³ Historicamente, os druzos ocupam o Ministério da Defesa e o patrono do exército é Fakre Eddine II, pela coragem demonstrada na luta contra o domínio turco, entre o final do século XV e a primeira metade do século XVI. Nesse último período, foi criado um estado independente, sob o seu comando, onde conviviam druzos, maronitas e muçulmanos, em relativa harmonia. Fakre Eddine foi reconhecido como Emir do atualmente chamado Monte Líbano, antes conhecida como Montanha Druza.

músicas divulgar sua tradição. O grupo apresentava-se tanto nas festividades internas (imagens 24 e 36), bem como em celebrações onde o LDB era chamado, quase invariavelmente os convites relacionavam-se a outras comunidades árabes, como por exemplo, as Olimpíadas dos Imigrantes, de 8 a 12 de junho de 1981 (imagem 37).



do Fakre
(1974)



e
(1981)

As exposições culturais também são atividades que ficaram no passado. Tinham como objetivo divulgar a tradição druzá, bem como revelar os talentos da comunidade, proporcionando um espaço de confraternização entre seus membros. Dentre as atividades apresentadas, encontramos uma exposição de obras de artistas plásticos do Rio de Janeiro e Campinas, mostra do artesanato árabe e como destaque um show musical que apresentava o serviço de café a moda árabe, todos vestidos a caráter!



do

Outra modalidade que movimentava a sede do LDB eram os campeonatos de buraco. Nas noites de sexta-feira o salão principal da sede trocava as conhecidas cadeiras por mesas e mesas de buraco. Ao final do evento, os vencedores eram premiados diante da comunidade, com direito a troféus, fotos e palmas (imagem 38).

Esporadicamente, o LDB organizou palestras com o intuito de nortear a comunidade sobre temas diversos, que vão desde orientação da comunidade na relação entre pais e filhos, questões relacionadas à saúde até questões de natureza religiosa, como por exemplo, aspectos da religião e da história da tradição dos seus antepassados,

ministrada pelo falecido Sheique Chakib Takie Eddine, na época, representante da seita druza no Brasil.

2.6.2.1 Atividades para além dos muros

Além das atividades relacionadas à comunidade de associados, é percebida uma preocupação em manter vínculos com outras associações representativas do druzismo. Podemos observar tal movimento desde a fundação do LDB, já que no primeiro estatuto é explicitado a intenção de criar uma revista que pudesse ser um canal de comunicação entre os membros das comunidades druzas no Brasil e fora dele.



Imagem 39 - Revista do Lar Druzo Brasileiro. no 8, Ano 1983

As revistas tinham a função de não só de divulgar eventos da comunidade druza de São Paulo, bem como de colocar a comunidade em contato com outras comunidades druzas



Imagem 40 - Revista do LDB

do Brasil e fora dele. É interessante observar que alguns exemplares tinham textos não só em português e árabe como também em inglês, o que manifestava um desejo de manter um intercâmbio entre as duas comunidades, como por exemplo, no EUA, país que abriga várias comunidades druzas.

Por meio das diferentes edições da Revista do Lar Druzo Brasileiro (nº.8, 1983) é possível acompanhar as notícias sobre a fundação do Lar Druzo em Belo Horizonte; a visita

de um membro vindo do Canadá; o encontro entre os sheiques que manifestam a necessidade das comunidades manterem-se unidas. Ao longo das publicações aparecem expectativas quanto ao papel/lugar dessa instituição junto à comunidade druz, como podemos observar nos trechos a seguir:

Um dia, ao voltar ao Brasil, espero ver um LDB em seu novo prédio e que nele não haja só salões de festas e de jogos, mas, que encontremos um salão no qual nas quintas-feiras possamos transmitir aos jovens de hoje as palavras do nosso 'Livro Sagrado' Leila Chammá (REVISTA LDB, dez 1981).

Atualmente a revista do LDB recebe o nome de AL- RISALAH. Sua primeira publicação data de 2006 e a última de 2010. Não há um padrão quanto à sazonalidade das edições, já que o período entre as elas não apresenta um padrão específico. É possível que as publicações estejam relacionadas à organização desta ou daquela gestão, e que, portanto fica a cargo do presidente e da sua diretoria a responsabilidade pela publicação dos periódicos.

A relação do LDB com outras comunidades druzas também se dá por meio de diferentes eventos, na impossibilidade de relatar todos, destacaremos o 1o Congresso dos Mouwahidun Al Druz, 2010, isto é, 1o Congresso dos Emigrantes Unitaristas Druzo.



Imagem 41 - Congresso dos Mouwahidun Al Druz (2010)



Entre
19 a 22 de julho de 2010 Congresso dos Mouwahidun Al Druz,.

que aconteceu no Líbano, na cidade de Beirute Com o objetivo de

"reunir as comunidades dos Unitaristas ao redor do mundo e fortalecer os laços de coesão e coalizão entre as sociedades druzas no estrangeiro e a terra mãe, o Líbano"¹⁴.

A conferência *De volta às raízes*, foi o primeiro ajuntamento promovido pela Comissão dos Assuntos dos Emigrantes do Conselho Confessional do Mouwahidun Al Druz

libaneses, reunindo druzos de diferentes partes do mundo. O evento foi destinado aos presidentes e diretores das entidades Druzas espalhadas pelo mundo, que ao final do evento comprometeram-se com as seguintes recomendações:

Imagem 42 - Fouad Abou Daher e Haissan Al Masri, Ex Presidentes do LDB no Congresso dos Mouwahidun Al Druz (2010)

- criação de uma comissão de pesquisa e orientação religiosa dirigida pelo Cheik Al Akel Naim Hassan como o objetivo de preparar estudos e pesquisas culturais e religiosas e preparação de educadores religiosos com a capacidade de transmitir o conhecimento da religião e da cultura druzas nos países de imigração;

- criação de um escritório de acompanhamento das necessidades dos imigrantes em assuntos dos documentos pessoais e burocráticos junto à República do Líbano;

- realização de um congresso dos imigrantes a cada dois anos, organizado pelo comitê dos imigrantes no Líbano e dirigido aos presidentes das entidades Druzas no mundo inteiro e com a presença de algumas personalidades do mundo árabe.

É da responsabilidade do Comitê dos Imigrantes junto com os presidentes das entidades Druzas do mundo:

- a. preparar e realizar o congresso Druzo mundial a cada dois anos;
- b. elaborar projeto da Casa do imigrante Druzo no Líbano, para que seja o ponto de encontro dos druzos no mundo;
- c. preparar eventos sociais entre residentes e imigrantes Druzos, como um jantar anual e o encontro dos jovens Druzos e outros;
- d. trabalhar para organizar um grupo sócio-econômico entre residentes e imigrantes Druzos com o intuito de acompanhar e estudar as situações econômicas ligadas aos Druzos e a afirmação da participação nossa na reconstrução do líbano, e participar na movimentação econômica através de:
 - criação de grupos de investimentos nas áreas industriais, agrícolas. Imobiliárias e turísticas capaz de criar vagas de trabalho para os residentes, limitando a imigração druzas.¹⁵

Os eventos não se restringem apenas ao universo druzo, mas também junto à outras associações, especialmente aquelas vinculadas ao universo árabe. Apesar do druzismo

¹⁴ Revista Al-Rissalah. Revista do Lar Druzo Brasileiro - no 2/ Março 2007, p. 3.

¹⁵ Al-Rissalah, Revista do Lar Druzo Brasileiro. no 05 – novembro de 2010

ser uma religião fechada para conversões, é inegável a política de boa vizinhança entre os vários grupos que formam a colônia árabe, especialmente a Libanesa.

Seja como anfitrião ou como convidado, o LDB, por meio de seus representantes, marca presença em eventos sociais, culturais e políticos. Nas atas é recorrente observar um amplo intercâmbio com as sociedades árabes, como a Sociedade Beneficente Muçulmana do Brasil (imagem 43), a Igreja Maronita de São Paulo, Igreja Greco Melkita de São Paulo, o Clube Homes entre outras.



Da esquerda para a direita: Ziad Boufakhreddine, Haissam Al Masri, Imam Cheik Mohammad Moughraby, Cheik Fahed Alameddine e Zaid Al Tawil.

Imagem 43 - Visita ao novo Diretor do Centro Islâmico do Brasil

Eventos que envolvem o ambiente político também fazem parte da agenda do LDB, como quando foi à Câmara Municipal de São Paulo, apoiar a causa Palestina:

O Sr. Fahd Alameddine, representante dos druzos no Brasil - Em nome de Deus clemente, misericordioso: Eu tenho poucas palavras a respeito do povo palestino. Primeiro, eu represento a seita drusa aqui no Brasil, que é a minoria, os imigrantes árabes. Só que essa seita existe na Síria, no Líbano, na Jordânia e na Palestina. [...] Claro que apoiamos a causa palestina, somos solidários à causa palestina, à causa árabe. [...] Viva o Brasil! Viva a Palestina!

Ou quando recebe autoridades pertencentes à colônia:

O Lar Druzo Brasileiro abriu suas portas para receber o Sheik Malek Al Chaar, Muft Tripoli, o presidente do Instituto Futuro o Sr. Suheil Yamute e o jornalista Sr. Mohamad Salam, onde foi servido um coffe breake. Nesta reunião foram discutidas juntamente com os associados do Lar, questões quanto aos interesses dos dois países e a preocupação social de nossos familiares, fortalecendo assim os laços entre Brasil-Líbano, com intuito de preservar costumes e tradições (Lar Druzo Brasileiro, 2013).

2.6.3 Atividades religiosas

Já tivemos a possibilidade de observar que apesar do elemento religioso ser o elo entre os membros da comunidade do LDB, inicialmente, quando da fundação, o estatuto tratava da questão religiosa com reservas. Se no papel a associação assumia apenas seu caráter social¹⁶, o cotidiano mostrou que as demandas da própria comunidade apontavam também para questões relacionadas ao universo religioso, já que o espaço do LDB é procurado por várias famílias para celebrar a vida e a morte, bem como o sentido para ambas. Tanto nos casamentos (imagem 44) quanto nas cerimônias de morte (imagem 45), a comunidade busca na própria tradição o sentido do "ser druzo", compartilhada entre os pares da comunidade. Seja por meio da alegria característica das celebrações de casamento ou da dor, acompanhada da esperança na crença da reencarnação.



15 de setembro de 2007 uniram-se em matrimônio os nossos queridos irmãos e amigos Semi Aboultaif e Salwa Aboultaif. A entrada dos noivos no salão foi emocionante tal como os nossos costumes na pátria mãe Líbano. Semi Aboultaif é filho de Mehde Aboultaif e Faride Riman Aboultaif. Salwa Aboultaif é filha de Monif Chams Aboultaif e Suria Chams Aboultaif (REVISTA AL-RISSALAH, 2008, p.31).

¹⁶ Para maiores esclarecimentos o leitor deve voltar ao início desse capítulo (item 2.1) no qual são apresentados os objetivos do LDB.

PALAVRAS PROFERIDAS POR OMAR CHOAI B, POR OCASIÃO DA HOMENAGEM PÓSTUMA DE 40 DIAS PELA MORTE DE SEU PAI SAID CHOAI B NO LAR DRUZO BRASILEIRO

Pelo filho Omar Choai b



“Finou, aos 87 anos de idade, Said Choai b; homem excepcional. Paz à sua alma! Bom esposo, bom pai, bom amigo, comerciante que se instalou já jovem na região da Rua 25 de março, próximo aos seus irmãos de descendência a quem dedicou parte de sua vida no impulso dos maiores anseios, como na fundação deste Lar Druzo Brasileiro, atuando como diretor e presidente por muitas gestões.

”Finou, aos 87 anos de idade, Said Choai b; homem excepcional. Paz à sua alma! Bom esposo, bom pai, bom amigo, comerciante que se instalou já jovem na região da Rua 25 de março, próximo aos seus irmãos de descendência a quem dedicou parte de sua vida no impulso dos maiores anseios, como na fundação deste Lar Druzo Brasileiro, atuando como diretor e presidente por muitas gestões.

ألقى الشاعر السيد شفيق عبد الخالق هذه القصيدة بمناسبة الذكرى الأربعين

والحزن يفعل في الأرواح كالأسل	والدهر يظلم والأقدار تسولمنا
وإن تصبر يجزي وإبسل العسل	عمر إذا راق يجزينا مصانبه
يخوض في العمر لم يسلم من الليل	العمر بحر عتي يستبد ومن
الى الزوال وبحيا غير ممثمل	والمرء يعلم أن العمر مندفع
من ليس منا عن الدنيا بمرحل	وكل من عاش لم يضمن سلامته
بإلذكريات فتبقى أئمن الحلل	والمرء يذكر بالأعمال متشحا
ونستميت على الأطماع والزلل	ونحن نطمع في الدنيا وثروتها
دون القناعة يبقى غير مكتمل	ننسى السعادة والإنسان هلا درى
وراسخ العقل من يناى عن الجدل	لا يجتلي سر كون غير مبدعه
وأعقل الناس من يسري على مهل	لا تسرع الخطوا فالأيام ماضية
يرد من يترك الدنيا على عجل	لا المال يرجع أمواتا ولا أجسل
وإننا عرضة للموت والسفيل	فشهد سنن الدنيا وخطتها
ويبقى وجهه الإله الواحد الأزلي	تسقى الخليقة والأطماع ما كثرت

2.6.3.1 O Casamento

O casamento druzo no Brasil é um híbrido entre as tradições trazidas do Líbano e aquelas que fazem parte do ritual cristão. No Líbano existe apenas o casamento religioso, que é realizado junto às autoridades religiosas, já que cada religião tem seu tribunal para resolver questões de fórum íntimo. Os casamentos realizados aqui, na sua maioria são realizados na instância civil e religiosa, sendo que para a comunidade de origem é a celebração religiosa que de fato legitima a união. Um dos poucos entrevistados que se casou com uma não druzo, relata que após o seu casamento (1964), foi para o Líbano (1967) visitar a família e alguns parentes o procuraram para dizer que ele poderia casar-se com uma druzo, já que o casamento realizado aqui no Brasil, não teria validade.

Como já mencionado anteriormente, no druzismo o casamento endogâmico é uma estratégia vital, pois dele depende a própria existência do grupo, já que a condição de ser druzo é dada somente pelo nascimento. Além do mais, é no ambiente familiar que se dá a formação religiosa, sendo assim, como ensinar algo que não foi aprendido? Daí a importância de existir um espaço como LDB, onde a convivência entre os pares, além de ratificar o modelo apreendido na família, oportunizaria conhecer o futuro cônjuge, o que garantiria a continuidade do grupo.

No entanto, parece que o espaço do LDB já não é o único local de encontro dessa comunidade. Segundo o depoimento de uma das entrevistadas, a frequência de jovens do sexo masculino, nas festas e eventos promovidos pelo LDB, é menor. "A gente fica aqui esperando o príncipe, como ele não aparece, a gente tem que ir lá no Líbano buscar". A fala revela outro movimento bastante característico da comunidade, buscar os parceiros para seus filhos na comunidade de origem. Hoje em dia, as circunstâncias são bem diferentes daquelas vividas pelos primeiros grupos que aqui chegaram. Boa parte da comunidade goza de uma situação financeira que permite viagens anuais para a cidade de origem, que preferencialmente acontecem nas férias de verão (julho/agosto), período que reúne muitos daqueles que devido a imigração espalharam-se pelo globo. Reencontro para os mais velhos e encontro para os mais novos. É nesse contexto que muitos jovens druzos acabam se casando, já que as famílias percebendo o interesse mútuo empenham-se em criar o final feliz anunciados nos contos de fada: casaram-se e viveram felizes para sempre.

O LDB como instituição representativa da comunidade é procurado pelas famílias druzas para realizarem o sonho de ver seus filhos casarem-se entre si. No Brasil, os casamentos druzos são celebrados por um representante da autoridade máxima do druzismo: Sheique Al Akel. Atualmente quem ocupa essa posição é o sheique Fahd Alamadine.

Antes do ritual propriamente dito, a família dos noivos posiciona-se na entrada do salão para receber os cumprimentos e recepcionar os convidados. Quanto à celebração do casamento, não há uma estrutura rígida que a caracterize, até porque boa parte dela é a reprodução do rito cristão: entrada do noivo e dos padrinhos, troca de alianças, entre outros.

No entanto alguns elementos recuperam a tradição druzas. Como nas aldeias libanesas, o caminho da noiva é acompanhado por toques de tambores (imagem 22) e em alguns casamentos é possível vermos dançarinos vestidos com roupas que remetem à tradição militar do povo druzo, coreografando com espadas que são cruzadas ao longo do percurso realizado pela noiva.

A cerimônia em si é curta, trechos dos livros sagrados são lidos na língua árabe e em seguida os noivos assinam o *Sidak*, compromisso em penhor da verdade¹⁷ (imagem 47). Praticamente toda a cerimônia é realizada em árabe, salvo algumas exceções, geralmente quando parte dos convidados são brasileiros. Ao final da cerimônia os noivos são aplaudidos pelos convidados. A tradição se estende pela festa, que ao invés da tradicional valsa, os noivos dançam à moda árabe (imagem 48)



o (2012)



¹⁷ Corresponde a certa quantia de dinheiro dada às mulheres como garantia no caso de separação ou viuvez. A mulher passa a ser sócia de todos os bens do marido, a este cabendo prover o seu sustento; em caso de descumprimento, este fato constitui um argumento importante para o divórcio e ela ficará com metade dos bens. A mulher deve obedecer o seu marido. Se for provada sua desobediência quanto ao cumprimento dos deveres, ela deverá dar metade dos seus bens a ele.

2.6.3.2 Rituais do pós-morte

Para a religião drusa, a morte é um momento de encontro da comunidade. Nas palavras de um dos nossos entrevistados:

Os drusos se consideram irmãos de fé; nós somos drusos e nos consideramos uma família só [...] Eu acho que a desgraça une mais [...] o povo está sempre presente, sempre junto com a família que perdeu um ente querido. É comum depois que a pessoa morre colocar sua fotografia nas paredes da casa. É um jeito de sentir a presença deles...

No druzismo o ritual de sepultamento inclui velório e enterro. Nas aldeias libanesas o corpo é velado casa da pessoa que faleceu, por volta de 24 horas. Logo em seguida acontece o enterro. Segundo nossos entrevistados,

[...] reza igual aqui, como faz o pastor ou o padre. Depois de o enterro terminar, o povo dá o cumprimento de pêsames à família que perdeu a pessoa. Logo em seguida, a família mais próxima vai para a casa do sujeito, fica lá horas, dependendo do valor da pessoa, da moral, recebe os pêsames mais de um dia, dois dias, até três dias [...] Depois de uma semana, os familiares se reúnem na casa da pessoa que morreu, eles fazem como se fosse uma espécie lembrança.



nal
nina



óstuma

No Brasil a comunidade drusa teve que adaptar seus costumes, até porque na condição de imigrantes muitos tiveram que aprender a "enterrar seus mortos", de maneira simbólica. Portanto, quando o falecimento ocorre no Líbano, o LDB responsabiliza-se em avisar a comunidade, bem como oferecer seu espaço para que a família receba as manifestações de pêsames de toda comunidade. Sem o corpo para velar, resta à

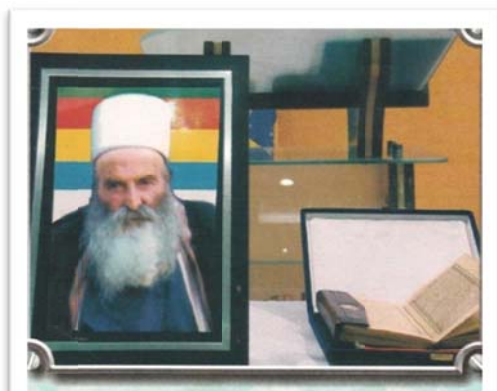
comunidade reunir-se em torno das lembranças e da foto (imagem 50), que geralmente ocupa lugar de destaque no ambiente.



ade -

Por outro lado, quando a morte chega para aqueles que aqui estão, o LDB responsabiliza-se em avisar toda comunidade o local e horário do velório e do enterro, que são realizados preferencialmente em cemitérios sem qualquer espécie de imagem (imagem 51), já que no druzismo, seguindo a perspectiva muçulmana, não é permitido nenhuma representação de Deus.

Diferente do que acontece no Líbano, 40 dias após o falecimento do parente, algumas famílias organizam no espaço do LDB uma homenagem póstuma. Vale lembrar que a referida cerimônia, pode ser uma iniciativa da família, bem como da comunidade, quando a pessoa a ser homenageada ocupou um lugar de destaque, seja aqui no Brasil ou no país de origem, em se tratando de LDB, o Líbano ou a Síria (imagem 52). Nas palavras de um dos entrevistados:



Dia 18 Quarta-Feira de Agosto de 2010 faleceu no Líbano o Cheikh Said Abou Daher pai do nosso Presidente Fouad Abou Daher e no dia 22 Domingo na mesma semana a família Abou Daher recebeu as condolências dos amigos e associados do Lar Druzo Brasileiro. Em nome da Família o Presidente agradece a todos.

icado na
lah, no 5

A celebração de quarenta dias é só para gente muito importante, chefe de família... Nessa celebração, as pessoas que conheciam o morto fazem discurso, lembrando das coisas boas que ele fez durante a vida.

Podemos observar que mesmo a pessoa ausente e apesar dessa cerimônia fazer parte de uma cultura local, a experiência de estarem reunidos para ouvir as histórias de vida de pessoas que foram referências para a comunidade, fortalece aquilo que se entende como vida exemplar. Isto é um elemento de continuidade da tradição, afinal, “reconstituir o episódio é transmitir a moral do grupo e inspirar os menores” (BOSI, 1994, p.424).

2.6.3.3 Festa de Eid El Adha Al Mubarak

Além dos rituais que marcam os ciclos da vida (casamento e morte), em 1988 pela primeira vez o LDB realizou o *Eid El Adha Al Mubarak*¹⁸, festa que celebra a obediência de Abraão, quando Deus pede ao profeta que sacrifique seu próprio filho para demonstrar sua lealdade. Os festejos foram incorporados na última diretoria da chamada "velha guarda", já que até então esta cerimônia não constava no calendário das celebrações promovidas pela instituição.

No LDB a festa de *Eid El Adha* é uma oportunidade de reunir a comunidade druzá, bem como de abrir as portas para outros credos por meio da presença de seus representantes, que além de compartilhar a crença no Deus Único, têm em comum as raízes no oriente (imagem 53).



il),
e

A tradição árabe se faz presente nos diferentes elementos que compõem essa celebração: a língua, já que praticamente as falas são feitas todas em árabe. As comidas típicas (imagem 54), especialmente os doces com tâmaras, consideradas o "mel do deserto" e a saudação que acompanha a data *tnad aleik*, que em uma tradução livre equivaleria a dizer: *que você tenha um ano de paz*.

¹⁸ O capítulo I dessa dissertação apresenta as motivações que envolvem essa celebração.

A celebração em si não apresenta uma ritualística específica, o que de fato pode ser observado é que no LDB é dia de prece, mas também é dia de festa, dia de reunir a família e amigos que se abraçam e se cumprimentam com votos de *Eid*.



2.6.3.4 Plantão do Sheique

Quando da fundação do LDB, o então presidente Chakib Takieddine, era o sheique da comunidade, visto que descendia de uma família de sheiques, portanto herdou essa condição de seus antepassados. Quando este faleceu, o LDB ficou sem um líder religioso. Há pouco mais de seis anos o, Sr Fahed Alamaddine manifestou desejo de se tornar sheique, isto é, de representar a religião druza no Brasil. Procurou as autoridades competentes no Líbano e então recebeu a autorização para ser o representante oficial do Sheique Al Akl no Brasil, posição que o autoriza realizar casamentos, bem como estar à frente das cerimônias que envolvam a tradição druza.

É nesse contexto que atualmente o LDB disponibiliza nas tardes de sexta feira um "plantão do Sheique", a fim de atender as demandas da comunidade, seja para orientações, conselhos ou até mesmo para buscar conhecimento sobre a própria religião. No entanto, segundo alguns membros da própria comunidade, nem todos o reconhecem como líder de fato, já que no druzismo a condição do "ser um sheique religioso", que acolhe e aconselha, vai muito além de estar habilitado a representar a comunidade ou realizar casamentos. Em outras palavras, para parte da comunidade druza a lacuna deixada pelo Sheique Chakib Takieddine ainda não foi preenchida.

2.6.3.5 Convenções Internacionais Druzas e Convenções Brasileiras de Jovens Druzos

Se a última diretoria da "velha guarda" deu voz à demanda religiosa da comunidade, recuperando as crenças de seus antepassados na festa que celebra a obediência do profeta Abraão a Deus, as primeiras diretorias da então chamada "jovem guarda", representavam as demandas da segunda geração, que cresceu na imigração e pouco

sabia das próprias raízes. Não por acaso, na gestão de Walid El Anderi como presidente do LDB no período de 1990 à 1994 - filho de Najm El Anderi, sócio fundador do LDB, é realizado o primeiro Conclave Internacional Druzo, que buscava trazer para a comunidade o conhecimento das raízes da religião.

A partir de 2007 o LDB tem procurado promover a cada dois anos o Conclave Internacional Druzo e, concomitantemente, a Convenção Brasileira de Jovens Druzos. Considerando que a gestão das diretorias compreendem um período de dois anos, é esperado do presidente LDB a realização de ambas convenções na sua gestão.

Com a colaboração do Comitê dos Imigrantes no Conselho Religioso Druzo no Líbano, no período de 10 a 14 de outubro, aconteceram concomitantemente

a II Convenção Internacional Druza e a I Convenção Brasileira de Jovens Druzos (imagem 54), que formalizou um momento especial para os jovens da comunidade. A III e IV Convenção Internacional Druza e a II e III Convenção Brasileira de Jovens Druzos, foram realizadas de 09 a 12 de outubro de 2009 (imagem 55) e de 09 a 12 de fevereiro de 2012 (imagem 56), respectivamente.

A presença de participantes nas diferentes edições do evento foi superior a quatrocentas pessoas. Várias autoridades do mundo árabe, bem como do mundo druzo estavam presentes ou se fizeram representar: Sheique Al Akl Naim Hassan foi representado pelo



ial

presidente do Comitê dos Imigrantes Druzos no Líbano. O Deputado e presidente do partido Socialista progressista Libanês Sr. Walid Jumblat foi representado pelo General Issam Abou Zaki, presidente do Comitê Social Druzo no Líbano e o Juiz Nuhad Hreiz, presidente da Côrte Druza Libaneza.



DB,
clave
07

As palestras tiveram como convidados celebridades internacionais do druzismo: o Dr. Sami Makarem, professor de literatura mística, da língua árabe e escritor, o Dr. Anis Obeid e o Cheik Moustafa Moukarem¹⁹, ambos moram no EUA, mas apenas o segundo tem publicações relacionadas à religião druzá. O evento recebeu a colaboração de druzos da América do Norte, Líbano e outros estados do Brasil.



akarem -
a 2012

Observa-se uma especial preocupação com os jovens, tanto que houve um momento reservado apenas para os jovens da comunidade, sem o olhar crítico dos pais, quando o palestrante responde às perguntas da nova geração. Como não são todos os jovens que dominam a língua árabe, houve a necessidade de uma intérprete (imagem 57 e 58).

As convenções são momentos especiais, melhor dizer raros, no qual a comunidade tem a oportunidade de entrar em contato com sua história e tradição. Como já mencionado anteriormente a religião druzá não possui uma estrutura específica na catequese de seus membros, é comum encontrarmos boa parte das pessoas completamente desinformada sobre os preceitos religiosos druzos.



Portanto, receber aqueles que têm a autoridade do conhecimento da religião, bem como da tradição, faz desse momento de reunião também um motivo de festa (imagens 59 a 64).

¹⁹ Representante do Cheiqk Akl no estado do Texas - EUA



V



leira
012



Andere
da IV
12

Capítulo III – O PAPEL DO LAR DRUZO BRASILEIRO À LUZ DOS DEPOIMENTOS DA PRÓPRIA COMUNIDADE

No primeiro capítulo - o druzismo - apresentamos os principais elementos que constituem a religião druzá; no segundo capítulo - LDB, do passado ao presente - "sobrevivemos" a estrutura objetiva que caracteriza essa comunidade. Assim sendo, pudemos observar como esses aspectos inicialmente apresentados são vivenciados no espaço do LDB. Neste capítulo, nos aproximamos da subjetividade dos participantes dessa comunidade, "dando voz" aos seus membros, para então compreendermos como essa identidade é elaborada.

Este capítulo está dividido em três grandes blocos. Num primeiro momento, conheceremos os aspectos metodológicos que envolveram esta pesquisa. Em seguida, apresentaremos os resultados, para então finalizarmos com a interpretação das entrevistas à luz do quadro teórico.

III. 1 Reflexões metodológicas preliminares

O pesquisador que quer aproximar-se da história do druzismo, e especificamente do LDB, não pode se restringir apenas às fontes escritas, até porque elas são insuficientes para alinhar os elementos que fazem parte da história dessa comunidade. Ao nos aproximarmos da religião druzá, pudemos observar que a oralidade é a forma predominante de transmissão da tradição entre seus pares. Apenas uma pequena parcela desse grupo é que tem acesso aos textos sagrados, ou seja, no cotidiano é a tradição oral que garante a sobrevivência dos costumes desse povo. Essa particularidade acaba se refletindo nas práticas da comunidade imigrada, pois quando chegam ao Brasil e criam o LDB, apesar de manifestarem o desejo de criar instrumentos de registro dessa história, seja por meio das publicações das revistas ou pelos registros nas atas das reuniões da Diretoria e Conselho Deliberativo, parte importante desse material foi perdido nas diferentes mudanças e reformas realizadas ao longo dos 43 anos de existência, portanto, boa parte da história da instituição está registrada apenas na memória de seus membros. Sendo assim, a opção foi trabalhar com entrevistas, uma forma de resgatar o conhecimento legítimo de uma tradição que sobrevive graças ao compromisso assumido pelas diferentes gerações.

Vale observar que um aspecto que corroborou na opção da entrevista como escolha metodológica foi a posição que a pesquisadora ocupa no grupo. Muitas das dificuldades enfrentadas - desde autorização para acessar os documentos da instituição até a disponibilidade dos membros em falar de algo que pertencia ao universo particular do grupo - foram vencidas pela proximidade da comunidade, até porque alguns membros, quando convidados a participarem, demonstraram certa insegurança quanto à legitimidade de seu conhecimento:

O problema que eu não sei nada sobre nossa cultura e religião, [...] seria melhor fazer a entrevista com alguém que entende dos costumes, né?

No entanto, ao longo das conversas, puderam reconhecer nas próprias narrativas um valor até então desconhecido, mas de fato precioso, afinal recuperaram uma história que transcende o universo individual e que corre o risco de perder-se.

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas de forma semi-aberta, contendo dez perguntas que serviram como roteiro para um início de discussão sobre determinados tópicos. À medida que a entrevista se desenvolveu, novos tópicos surgiram, enriquecendo, assim, a coleta de dados. As conversas foram registradas por meio de gravador e posteriormente transcritas. A identidade dos entrevistados será protegida, portanto, não haverá nenhuma identificação na apresentação dos depoimentos.

As entrevistas com os associados somam o total de vinte, sendo que dez foram realizadas com druzos nascidos no Líbano, o que chamaremos de primeira geração, e dez com os druzos nascidos no Brasil, chamada de segunda geração. A intenção é fazer um comparativo entre os grupos, para que possamos identificar de que forma o Lar Druzo Brasileiro de São Paulo é uma fonte identitária para cada um desses subgrupos.

Para analisar os dados colhidos, recorreremos às formulações apresentadas por Peter Berger presentes nas obras *O Dossel Sagrado* e *A construção social da realidade*, esta escrita em conjunto com Thomas Luckmann, a qual fundamenta os conceitos centrais desta dissertação: estrutura de plausibilidade, socialização e identidade.

III. 2 Apresentação do roteiro das entrevistas

O roteiro de entrevista está dividido em duas partes. A primeira permite conhecermos o perfil demográfico dos entrevistados, enquanto a segunda é composta por questões que nos aproximam da subjetividade dos mesmos. (ver anexo)

Os dados colhidos na primeira parte referem-se a informações como: idade, sexo, local de nascimento, estado civil, escolaridade, profissão e para aqueles que fazem parte da primeira geração, data em que o entrevistado chegou ao Brasil.

Para elaborar a segunda parte do roteiro das entrevistas, foram realizadas dez questões, sendo que as sete primeiras foram criadas a partir das motivações do próprio grupo, por isso utilizamos o texto²⁰ que apresenta a história da fundação desta instituição, disponibilizado no site do LDB:

A preocupação de todos era constituir um ambiente que reunisse estas famílias, proporcionando a união familiar, fortalecendo os laços e preservando os costumes e a tradição.[...]

Após a década de sessenta, houve incremento da migração dos Druzos para a capital industrial do Brasil - São Paulo, época em que aumentou o interesse e a necessidade dos Druzos de ter sua própria representatividade, pois toda sociedade árabe tinha suas agremiações representando suas regiões ou religiões.

O conjunto de questões quer verificar se os membros do LDB sentem-se confirmados nessa associação criada para e pela própria comunidade, para tanto, as afirmativas foram agrupadas, considerando os conceitos que fundamentam nosso quadro teórico. As afirmativas (1) *O LDB demonstra preocupação em construir um ambiente que reúna as famílias druzas* e (2) *O LDB proporciona a união familiar* apontam para aspectos relacionados à socialização; a (3) *O LDB fortalece os laços entre os druzos*, relaciona-se à estrutura de plausibilidade e o conjunto das questões (4) *O LDB preserva os costumes e a tradição druzas*; (5) *O LDB é uma instituição representativa dos druzos*; (6) *O LDB é uma instituição representativa dos druzos*; (7) *O LDB é uma instituição que vem colaborando em diversos projetos sociais e culturais brasileiros* e (8) *O LDB proporcionou momentos que fizeram você sentir-se "mais druzo", isto é, que fizeram*

²⁰ <http://www.lardruzobrasileiro.com.br/>. Acesso em 10/10/2012

você sentir-se parte de um todo maior? Quais? revelam elementos identitários da comunidade druzas.

As oito primeiras afirmativas foram respondidas por meio de uma escala elaborada em três níveis de concordância : concordo, concordo parcialmente e não concordo .Vale observar que a questão oito , pedia ao entrevistado que acrescentasse exemplos a sua resposta. As questões (9) e (10), *Na sua opinião qual é o papel do LDB junto à comunidade druzas,* e *Na sua opinião o que falta ao LDB para ser o "LAR" dos druzos? O que gostaria de "ver" acontecendo e que ainda não realizou-se?* foram respondidas de forma aberta.

III.3 Síntese dos resultados

A síntese dos resultados será apresentada em dois subitens, primeira geração e segunda geração. O material será apresentado respeitando essa classificação.

III.3.1 Primeira geração

Chamamos de primeira geração aqueles que nasceram nas comunidades druzas de origem (Líbano e Síria), os druzos árabes.

III.3.1.1 Perfil dos entrevistados

O grupo que compõe a primeira geração é formado por imigrantes druzos, que compreendem 5 mulheres e 5 homens, com idade que varia de 58 a 91 anos. Dos 10 entrevistados, apenas 1 é nascido na Síria, os outros todos são de origem libanesa.

Ao observarmos a amostra dos entrevistados que fazem parte da primeira geração, é possível identificar vários elementos, dentre os quais se destacam o período de imigração, o casamento com membros da colônia, a profissão abraçada ao chegar à nova terra e o engajamento junto à comunidade do LDB.

Dos 10 entrevistados, 8 vieram para o Brasil na década de 1950 e apenas 2 em meados da década de 1970, uma como esposa de imigrante druzo que já vivia no Brasil e o outro foi estimulado a vir pelos parentes que aqui já estavam. Isso aconteceu por volta de 1968 e 1971. Alguns imigraram acompanhados da própria mulher, mas a grande maioria vinha sozinha, fato que não os impediu de casarem -se com membros da própria

colônia, já que apenas 2 dos 10 entrevistados casaram-se com não druzos. Apesar de o visto no passaporte anunciar que o trabalho que os aguardava era a lavoura, todos os dez entrevistados encontraram seu ganha-pão no comércio, inicialmente como mascates e posteriormente nas próprias lojas, assim tornaram-se comerciantes. Até hoje, muitos deles - precisamente 7 – continuam na ativa. “São 51 anos de comércio”, revela um deles.

Outro aspecto que chama atenção no perfil dessa geração é o engajamento em relação ao LDB. Dos 10 entrevistados, 8 exerceram algum tipo de cargo na instituição.

Se por um lado observamos uma certa "igualdade" entre os membros desse grupo, quando o quesito é escolaridade os dados são bastante diferenciados. Na amostra pesquisada, apenas 1 concluiu a formação universitária e 1 chegou a entrar na universidade, mas não concluiu o curso. Três concluíram o segundo grau, enquanto 2 não chegaram a terminá-lo e 3 não chegaram a concluir o primeiro grau. Alguns dos entrevistados, quando respondiam essa questão, revelaram que foram impedidos de continuar os estudos, seja para trabalhar na colheita de azeitonas e ajudar no sustento da casa, seja porque eram mulheres, posição ilustrada por um dos depoimentos:

Estudei até a 4ª série, queria entrar na 5ª série, meu tio não deixou. Ele era Sheik da família, ele achava que ficava feio estudar junto com cristão. Druza. não podia entrar sem lenço na escola. Minha irmã fez papelada para estudar, ele foi em casa, não deixava as meninas estudar. Era contra as meninas estudarem, dizia que fica feio, não gostava que as meninas estudassem. Ele se metia na vida dos outros, não sei por que as pessoas obedeciam ele.

III.3.1.2 Apresentação das respostas

A tabela I mostra como a primeira geração posiciona-se em relação as questões propostas no roteiro. Vejamos:

TABELA 1 – 1ª geração	Concordo	Concordo parcialmente	Não concordo
1. O LDB demonstra preocupação em construir um ambiente que reúna as famílias druzas;	9	1	-
2. O LDB proporciona a união familiar	9	1	-
3. O LDB fortalece os laços entre os druzos	7	3	-
4. O LDB preserva os costumes e a tradição druzo	6	3	-
5. O LDB é uma instituição representativa dos druzos.	9		-
6. O LDB é importante para a comunidade	9	1	-

druza, pois toda sociedade árabe tem suas agremiações representando suas regiões ou religiões			
7. O LDB é uma instituição que vem colaborando em diversos projetos sociais e culturais brasileiros	3	1	4
8. O LDB proporcionou momentos que fizeram você sentir-se "mais druzo", isto é, que fizeram você sentir-se parte de um todo maior?	9	1	

Tanto na questão 1 quanto na questão 2 podemos observar uma concordância quase absoluta por parte da comunidade, quando perguntados se LDB não só demonstra preocupação em construir um ambiente que reúna as famílias, bem como de fato proporciona essa união, já que dos 10 entrevistados, 9 manifestam concordância.

Na questão 3, quando perguntados se o LDB fortalece os laços entre os druzos, a comunidade oscila, já que do grupo de 10 entrevistados, 3 manifestaram concordância parcial. Tal posicionamento acaba sendo explicado nas respostas que aparecem na questão 9, quando perguntados sobre o papel do LDB junto à comunidade druzo, e na questão 10, que abria espaço para o entrevistado falar daquilo que ele gostaria de ver acontecendo na instituição para que de fato fosse o "lar" dos druzos. Oito entrevistados respondem que o papel do lar é unir as famílias. Vários entrevistados reclamam que não há um movimento por parte do corpo diretivo de visitar as famílias que se afastaram do LDB, sendo que um deles cita o próprio exemplo, quando foi presidente:

O que o lar pode fazer para a comunidade, tem que juntar eles. A diretoria tem que visitar todo druzo que tá aqui, tem que chamar eles pra participar. Naquela época era todo mundo pobre, ninguém tinha carro e a gente saia pra visitar. Agora que todo mundo tem dois, três carros ninguém sai. Num domingo só eu fiz onze visitas!!

Falta a diretoria trabalhar pra juntar, pra visitar todos druzos pra vir, pra fazer jantar, reunião das senhoras, dos rapazes, dos velhos, de todos, chama eles pra vir para o Lar.

Quando indagados na questão 4 se o LDB preserva os costumes e a tradição druzo, 7 concordam, no entanto 3 dos nossos entrevistados demonstram concordância parcial, apontando suas ressalvas: *o ambiente do Brasil não ajuda a preservar a tradição porque o jeito do brasileiro não é o jeito do druzo.*

Em relação às questões 5 e 6, podemos observar uma concordância quase absoluta por parte da comunidade, já que dos 10 entrevistados, 9 manifestam concordância, quando perguntados se LDB é uma instituição representativa e importante para os druzos, pois toda sociedade árabe tem suas agremiações representando suas regiões ou religiões.

Na questão 7, quando perguntados se LDB é uma instituição que vem colaborando com vários projetos sociais e culturais brasileiros, 4 dos entrevistados discordaram, 3 concordaram e 3 foram mais comedidos, ao dizer que desconheciam, motivo pelo qual quando olhamos esse item na tabela e verificamos 7 respostas e não 10.

Na questão 8, quando perguntados se o LDB proporcionou momentos que fizeram você sentir-se "mais druzo", isto é, que fazem você sentir-se parte de um todo maior?, 9 dos 10 entrevistados concordaram com a afirmativa, sendo que apenas 1 optou por uma concordância parcial. As palavras de concordância "saltavam da boca", apontando para as veias do braço:

*Claro! Está no sangue!
É claro! Foi no Lar que comemorei o aniversário de quinze anos da minha filha, foi noivado no Lar, foi no Lar que casei minha outra filha, quando meu filho morreu foi no Lar que fiz homenagem pra ele, também pro meu marido.*

Lógico! Nas nossas festas tradicionais, Eid Ad Adha, a gente reúne lá, todo mundo confraterniza com outro, parece que a gente tá em família, sempre!!

A diversidade de respostas merece uma apresentação mais detalhada com relação à questão 10, apesar de esta já ter sido mencionada ao apresentar a questão 3.

Quando perguntados o que falta ao LDB para o ser o "lar" dos druzos, isto é, o que gostariam de ver acontecendo e que ainda não se realizou, quase todos iniciam sua resposta com a palavra união atrelada:

*Tem que ter mais compromisso. Tem 25 famílias que morreram os pais e perderam o contato. A geração antiga está indo embora. A geração nova tá longe do Lar, não frequenta, amanhã o Lar fica fechado. Todos são de uma família só, especialmente por causa dos nossos filhos. Tem que reunir a sociedade drusa, especialmente os filhos. Porque amanhã se a sociedade vai diminuindo, precisa trabalhar mais para juntar a sociedade. Visita mais; se tem algum erro, conserta. Especialmente a geração que nasceu aqui. Muitas sociedades fecharam em SP porque ninguém frequenta mais lá, uma sociedade sem público é uma sociedade morta.
Falta união entre todos os druzos. Muitas famílias se afastaram e a diretoria não vai atrás para ver o que acontece. Hoje só vai quem quer. Por exemplo, teve a morte de um sheike espiritual, que serviu a comunidade drusa durante oitenta anos. Teve a cerimônia de morte dele, tinha pouca gente.*

Também é possível observar que há uma especial preocupação da comunidade imigrante com os filhos, que na sua maioria nasceram no contexto da imigração e que apesar de terem sido criados numa casa druzza vivem num país que não ecoa a tradição doméstica.

Meu maior desejo é mostrar os druzos pros nossos filhos. Ter um canto pra praticar nossas orações e mostrar pros nossos filhos como faz nossas orações. Eu estou carregando essa bandeira faz tempo e alguns acham que eu sou muito fanático, cheguei fazer um pedido para fazer uma espécie de "majils". Pra poder receber alguns de outras religiões e quando alguém quiser praticar ter um lugar reservado. Quando recebemos outras religiões eles perguntam, onde você pratica? Onde vocês rezam? A gente responde, a gente reza em casa. Mas tem que ter um lugar coletivo pra todo mundo!

Também aparece de forma acentuada a preocupação com a possível extinção da religião e a necessidade de mudanças.

Na realidade, a gente precisa mostrar pros nossos filhos. Se a gente não mostrar pro nossos filhos, nós estamos perdendo tempo. Vai chegar uma hora, quando morre, eu quero saber se alguém vai lembrar quem é os druzos? Se alguém vai lembrar do que é druzo? Se continuar desse jeito... acho que vai acabar. Eles não estão fazendo reunião explicando o que é ser druzo... Vamos supor o LDB tá explicando o que é ser druzo? Nós precisamos abrir nossa religião para os nossos filhos e depois pra outras religiões. O próprio sheik Al Akl está tentando tirar aquela barreira, todos nós temos que conhecer. Os nossos jovens lá no Líbano, eles estão fazendo reunião. Sheik Naim Hassan disse se a gente não abrir pros jovens, não falar da nossa religião a gente vai perder, eles vão seguir a religião muçulmana, religião católica, isso.

III.3.2 Segunda geração

Chamamos de segunda geração os filhos da primeira geração, aqueles que nasceram no contexto da imigração, os druzos brasileiros.

III.3.2.1 Perfil dos entrevistados

O grupo que compõe a segunda geração é formado pelos filhos de imigrantes druzos, que nessa amostra estão divididos em 6 mulheres e 4 homens, com idade que varia entre 24 a 62 anos. Dos 10 entrevistados, 7 são nascidos em São Paulo.

Ao organizar o perfil dos entrevistados que compõem a segunda geração, destacam-se aspectos que são comuns entre os integrantes dessa amostra, dentre os quais a importância dada à escolaridade e ao casamento com membros da própria colônia chamam atenção, já que, dos 10 entrevistados, 8 possuem curso superior, apesar de apenas 4 trabalharem na atividade para a qual foram buscar formação. Quanto à instituição do casamento endogâmico, parece que está salvaguardada, já que dos 10 entrevistados, 9 estão casados com membros da própria colônia. No entanto, quando olhamos para a relação de engajamento em relação ao LDB, apenas 4 dos 10 entrevistados já ocuparam algum cargo nessa instituição.

III.3.2.2 Resumo das respostas

A tabela II mostra como a segunda geração posiciona-se em relação às questões propostas no roteiro. Vejamos:

Tabela 2 – 2ª geração	Concordo	Concordo parcialmente	Não concordo
1. O LDB demonstra preocupação em construir um ambiente que reúna as famílias druzas	6	3	1
2. O LDB proporciona a união familiar	6	2	2
3. O LDB fortalece os laços entre os druzos	5	4	1
4. O LDB preserva os costumes e a tradição druzos	4	4	2
5. O LDB é uma instituição representativa dos druzos.	10	-	-
6. O LDB é importante para a comunidade druzos, pois toda sociedade árabe tem suas agremiações representando suas regiões ou religiões	9	1	-
7. O LDB é uma instituição que vem colaborando em diversos projetos sociais e culturais brasileiros	2	-	8
8. O Lar Druzo proporcionou momentos que fizeram você sentir-se "mais druzo", isto é, que fizeram você sentir-se parte de um todo maior?	8	2	

Nas questões 1 e 2, quando perguntados se LDB demonstra preocupação em construir um ambiente que reúna as famílias, proporcionando a união familiar, podemos observar que as opiniões se dividem. Na questão 1, dos 10 entrevistados, 6 concordam, 3 concordam parcialmente e 1 discorda, argumentando que:

Hoje em dia não acho que estejam preocupados. Quando tem festa, cada família fica na sua mesa. É tudo território marcado! Atualmente, o LDB não acrescenta nada na minha vida.

Comparando as respostas da questão 2 com a questão 1, observamos que aqueles 6 que concordaram se mantêm, e que o grupo da concordância parcial diminuiu para 2 e o da discordância cresceu para 2. Uma das justificativas dos discordantes é que existe muita competição entre as famílias:

Há competição de muita gente. Se ao invés disso tivéssemos cooperação, colaboração... São duas palavras simples. Se eles entendessem as duas primeiras ao invés da terceira a sociedade estaria diferente, mas infelizmente não é isso que acontece!

Na questão 3, quando perguntados se o LDB fortalece os laços entre os druzos, a comunidade se divide, já que do grupo de 10 entrevistados, 5 manifestaram concordância, 4 concordância parcial e 2 discordância, os quais argumentam que *os valores da cultura estão se perdendo, falta respeito pelo próximo.*

Na questão 4, quando perguntados se o LDB preserva os costumes e a tradição druzos, 4 concordam, 4 demonstram concordância parcial e 2, discordância, apontando suas ressalvas: *hoje em dia não existe homem que te pergunte: posso ajudar?*

Em relação às questões 5 e 6, podemos observar uma concordância quase absoluta por parte da comunidade, já que na questão 5 os 10 entrevistados manifestam concordância. E na questão 6 apenas 1 discordou, quando perguntados se LDB é uma instituição representativa para os druzos, pois toda sociedade árabe tem suas agremiações representando suas regiões ou religiões.

Na questão 7, quando perguntados se LDB é uma instituição que vem colaborando com vários projetos sociais e culturais brasileiros, 8 dos entrevistados discordaram e 2 concordaram.

Na questão 8, quando perguntados se o LDB proporcionou momentos que fizeram você sentir-se "mais druzo", isto é, que fazem você sentir-se parte de um todo maior, 8 dos 10 entrevistados concordaram com a afirmativa, sendo que apenas 2 concordaram parcialmente.

Os momentos mais citados pelos entrevistados referem-se ao Conclave e depois às festas com as tradicionais rodas de *dabque*. De forma isolada, também foram citados a homenagem realizada na década de 1980 ao líder druzo Kamal Jumblat e as apresentações do grupo folclórico Fakre Eddine:

Participava do grupo folclórico Fakre Eddine, dancei por três anos, foram os melhores anos da minha vida. A gente era muito unido. A gente era como irmão.

Na questão 9, quando perguntados sobre qual é o papel do LDB junto à comunidade druzas, é citada a importância de preservar a colônia, promovendo a integração social da comunidade, aproximando os druzos que vivem no Brasil de forma a incentivar a participação dos jovens, já que *o futuro está nas mãos deles*.

Na questão 10, é perguntado o que falta ao LDB para o ser o "lar" dos druzos, isto é, o que gostariam de ver acontecendo e que ainda não se realizou. As respostas, apesar de diversificadas, apontam para aspectos comuns: aprendizado sobre a religião druzas, voltado para os jovens; promover anualmente um conclave; promover eventos que aproximem as pessoas, especialmente os jovens; incentivar a participação daqueles que se afastaram e buscar a abertura da religião.

Também na questão 10 é mencionada a importância de entender que o LDB não deveria promover a imagem desta ou daquela família, mas que as pessoas se preocupassem com a grande família druzas.

III.4 Interpretação dos dados

A interpretação dos dados alimentam-se de reflexões teóricas nos ajudam a compreender o material, por isso é importante conhecer os conceitos norteadores dessa dissertação: estrutura de plausibilidade, socialização e identidade.

III.4.1 Considerações teóricas preliminares

Sabemos que na discussão sociológica esses elementos estão intimamente inter-relacionados, que na prática eles se sobrepõem, apesar de entendermos que essa separação é artificial mesmo assim apresentaremos eles separadamente por razões puramente analíticas.

III. 4.1.1 Estrutura de Plausibilidade

Para a comunidade druzas do LDB, o processo de socialização está circunscrito dentro de um modelo social apreendido na comunidade de origem, que para grande parte dos nossos entrevistados seria o Líbano, mais precisamente as famílias druzas, que por sua vez estão localizadas em cidades reconhecidamente druzas. É sintomático que na página

do facebook do LDB (imagem 1), o Líbano seja citado como lugar de origem e o Brasil como local de residência.



Imagem 1 - Facebook do LDB

É nesse processo que se dá a "criação" de indivíduos que sejam capazes de ser parte desse mundo, de modo a torná-lo real, legitimando-o, portanto tornando-o assim plausível.

O indivíduo é socializado para ser uma determinada pessoa e habitar um determinado mundo [...] o indivíduo se apropria do mundo em conversação com os outros, [...] tanto a identidade como o mundo permanecem reais para ele enquanto ele continua a conversação.[...] A realidade subjetiva do mundo depende do tênue fio da conversação.²¹

Segundo Berger toda sociedade desenvolve instâncias para todos aqueles que fazem parte dela possam elaborar o que se compreende como realidade, de forma que o modelo seja visto com naturalidade e não com estranhamento. Quanto maior a sensação de obviedade em relação aos referentes apresentados, maior o êxito da socialização.

Não basta que o indivíduo considere os sentidos-chave da ordem social como úteis, desejáveis ou corretos. É muito melhor (melhor, isto é, em termos de estabilidade social) que ele os considere como inevitáveis, como parte e parcela da "natureza

²¹ Berger, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 29.

das coisas". se isso for conseguido, o indivíduo que se desgarra seriamente dos programas socialmente definidos pode ser considerado não só como um idiota ou um canalha, mas como um louco²²

O mundo social, aqui nomeado como comunidade druzo apresenta-se como o referente para o indivíduo e a expectativa é que por meio dos processos sociais a identidade vá sendo construída, criando assim aquilo que Berger nomeia como estruturas de plausibilidade, que permite que determinadas interações humanas aos nossos olhos sejam mais plausíveis do que outras. É nesse contexto que o LDB é criado, para ser a representação do modelo que aquele grupo entende como referente do que vem a ser druzo. Sentimento traduzido pelas palavras de Mahasen: "Na nova terra [...] criam um mini Líbano dentro de um outro país."²³

O sheik fala, as vezes uma homenagem, igualzinho lá. Lembra o casamento do Hassan? Pensei que eu estava no Líbano. Quando vou no Lar Druzo parece que estou me sentindo na minha cidade, todo mundo fala árabe, todo mundo cumprimenta! Penso que estou no Líbano! Festa do ano novo, comida, jeito de fazer comida no ano novo, sentia que estou na minha terra! Pensava que estava na minha cidade.

III. 4.1.2 Socialização

Vimos que para o druzismo só é druzo quem nasce druzo, no entanto, essa condição apesar se herdada no nascimento não é o suficiente para o indivíduo sentir-se druzo, para que isso ocorra é necessário um processo que está muito além do rótulo. É necessário que ele torne-se druzo. É nesse contexto que podemos compreender a demanda da comunidade druzo, ao criar uma instituição como o LDB, espaço que foi concebido para privilegiar a socialização da comunidade, onde pudessem oferecer aos seus filhos os referentes que receberam das gerações anteriores, dentre os quais está a orientação do casamento endogâmico, elemento nevrálgico na tradição druzo, já que dele depende a sobrevivência da comunidade.

Se a preocupação está em formar casais druzos, que continuem por meio do núcleo familiar a perpetuar a tradição druzo, nada melhor do que o momento da festa para formar outros casais. É no núcleo familiar e na festa que a comunidade do LDB ensina os mais novos e aprende com os mais velhos o que é ser druzo no Brasil. Não por acaso

²² Berger, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 37.

²³ Mahasen, Suhaila Andere – p. 8

a sede do LDB é constituída basicamente de dois salões de festa, já que para a comunidade este é o momento privilegiado para compartilhar suas tradições. Lá marcam presença importantes elementos da tradição: o idioma árabe, para muitos ainda a língua materna; a culinária, as músicas e as danças, especialmente as rodas de Dabque, que acolhe a todos: homens, mulheres, crianças e idosos!

Os processos de socialização serão fundamentais na formatação da identidade druzá, que sabemos não acontece "de uma vez para sempre". A socialização primária nessa comunidade está circunscrita ao núcleo familiar, já que a tradição do casamento endogâmico cuida para que pai e mãe sejam druzos. É na socialização secundária que o LDB encontra seu lugar.

É na infância que o indivíduo experimenta a primeira socialização. Geralmente o processo subsequente, que o introduz em outros setores da sociedade, é chamado de socialização secundária. É na socialização primária, por meio dos processos de identificação, que a criança dá início ao processo de aquisição de uma identidade

No processo de interiorização o indivíduo adota o mundo no qual os outros vivem, a partir dessa "apropriação" poderá interagir nesse mundo, a ponto identificar-se com os sujeitos desse mundo, nesse movimento poderá experimentar participar do mundo do outro e o outro participará do dele, nesse momento torna-se membro da sociedade. Aqui se dá aquilo que chamaremos de socialização, que compreende as relações entre as realidades objetivas e subjetivas no percurso realizado pelo indivíduo na interiorização do mundo, para então posteriormente dar conta dos vários "submundos".

Eu cresci dentro do LDB. A gente começou a participar de todas as festas: Ano Novo, Festa Junina, dias das mães, dia dos pais, eu participava do grupo folclórico Fakre Eddine, O treinamento acontecia ou no sábado ou no domingo, depois a gente sempre saía, ia tomar milk sheik, dançar, viajávamos juntos... Isso foi realmente muito importante na minha vida, pra me sentir normal. [...] os meus pais sempre achavam que eu tinha que ser amiga só de druzos, não de brasileiros, mas eu tinha amigas brasileiras na escola, elas podiam sair, podiam namorar, podiam levar os namorados para casa e eu não podia, então estando com esses druzos, eu me sentia feliz, porque eu me sentia "normal", porquê eu estava com o meu grupo, que passavam pelas mesmas coisas que eu estava passando.

O Lar tem que unir mais. Um vai em Mairiporã, outro vai na praia? Devia juntar tudo! Como no Juventus, você leva sua comida, senta todo mundo junto, um come da comida do outro.. As vezes vai em outro lugar,

*podia ser o mesmo lugar. Isso eu queria ver no Lar, todo mundo junto!
Unir mais, moço, jovem!
Quando o LDB fica cheio, fico contente, mas quando vejo "gato
pingado", dá uma tristeza. Por que é o único lugar de encontrar os
irmãos. As festas que a gente vê mais cheio é o dia das mães e o
aniversário do LDB.*

III. 4.1.3 Identidade

Apesar do discurso religioso, apontar para outra direção, sabemos que a identidade druzo não é dada, ela é formada pelos processos de socialização que se dão no núcleo familiar, bem como no convívio entre seus pares, que por sua vez buscam sustentação na estrutura de plausibilidade, oferecida pelo LDB

Se a comunidade de origem não tivesse trazido consigo suas lembranças é bem provável que tivessem perdido sua identidade. E aqui podemos compreender o papel que o LDB ocupa na comunidade druzo brasileira. O Lar é o lugar da conversa entre os pares, pois quando você sai para o mundo você vai perdendo seus referentes, mas quando você volta para "seu" lugar sente-se fortalecido.

A identidade é objetivamente definida como localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada juntamente com este mundo. [...] Receber uma identidade implica na atribuição de um lugar específico no mundo²⁴

Podemos observar algumas falas:

*O costume do druzo raça nenhuma tem. Esse Bani Maarouf esse aqui não existe no mundo. Primeiro pro druzo é a honra, lutar pela honra; fidelidade, a coragem, honestidade, sinceridade, isso tudo é o verdadeiro druzo.
A gente tem que chamar os jovens e ver as ideias deles, a gente tem que fazer as palestras pra eles se agarrarem as tradições, se eles seguirem trinta por cento já está muito bom. Tem muitos que veio de lá e não segue nem vinte e cinco por cento.
O Lar é social, não tem nada com a religião. Pra preservar tem que ter atos religiosos. Não é um lugar religioso como uma igreja, uma mesquita. Religião é de Deus e a Pátria é de todos.*

²⁴ Berger, Peter. Op Cit. p.171.

Considerações finais

O problema presente nesta pesquisa refere-se à presença, e por que não dizer da sobrevivência do druzismo no Brasil, especificamente na comunidade de São Paulo que é representado pelo Lar Druzo Brasileiro. Ao longo do trabalho objetivamos responder a algumas perguntas, como as que seguem:

- Qual a relevância de instituições como do Lar Druzo Brasileiro de SP como espaço identitário desse grupo?
- Como o druzismo é vivido no LDB? Quais são os elementos de permanência dessa religião e como são experimentados no espaço do LDB, que ainda os fazem reconhecer-se como druzos?
- Como o LDB é visto pelos membros da comunidade?
- Qual é a expectativa da comunidade druzas em relação ao LDB?

Sendo o druzismo uma religião que não apresenta uma estrutura de acesso aos preceitos religiosos para todo e qualquer seguidor, fica por conta da estrutura familiar boa parte da responsabilidade de garantir a formação religiosa, que nas comunidades de origem é ratificada pela própria comunidade. Os druzos estão localizados em cidades reconhecidamente druzas, a estrutura encontrada lá está longe de poder ser reproduzida por aqui, já que o Brasil é um país que tem como característica a multiculturalidade, que carrega nessa esteira a pluralidade religiosa.

Em terras estrangeiras o imigrante druzo tenta recriar um "mini- Líbano", buscando nos pares da própria comunidade um "oásis social". É nesse contexto que o LDB é criado, e como ele o " druzismo verde amarelo", que esta aí e com certeza fala árabe e dança dabque. Nesta instituição a tradição se faz presente! Seja por meio da língua árabe, para muitos ainda a língua materna; pelo uso de nomes árabes que ainda são maioria; nas celebrações, que apesar de identificadas com o calendário civil brasileiro, são festejadas à moda árabe, com direito a comida típica, músicas e danças, aqui lê-se Dabque, que segundo o relato de alguns entrevistados é uma preferência da comunidade druzas brasileira.

No entanto, se para a primeira geração o elemento religioso estava internalizado, e isso era satisfatório a segunda geração demonstra que para ela a história é um pouco diferente, buscam respostas que nem sempre são encontradas no próprio grupo. Muitos, apesar de druzos acabam aderindo a outras confissões religiosas, dentre as quais o

espiritismo é a mais adotada, já que como no druzismo a reencarnação é a resposta para a busca de sentido. Curioso notar que a adesão a outras experiências religiosas é vista com certa naturalidade, possivelmente ecos da taqqya.

Aqui observamos um campo bastante fértil para pesquisa, como por exemplo, quais são as práticas religiosas que os membros da comunidade druzas foram buscar na circunstância da imigração, já que a estrutura de plausibilidade oferecida pelo LDB não dá conta das demandas de muitos de seus membros, que tentam buscar o sentido, em outras tradições.

A questão aqui é se o druzismo sobreviverá ao Brasil, já que aqui os referentes abrem possibilidades inimagináveis para a comunidade de origem.

Bibliografia

- AL-RISSALAH. *Revista do Lar Druzo Brasileiro* - no 2 - Fevereiro 2008
- AL-RISSALAH. *Revista do Lar Druzo Brasileiro* - no 3 - Fevereiro 2008
- AL-RISSALAH. *Revista do Lar Druzo Brasileiro*. no 05 – novembro de 2010
- ASSRAUY, Nagib. *O DRUZISMO*. Belo Horizonte: Instituto Brasileiro da Cultura Árabe, 1967.
- BERGER, Peter L.; LUCCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulus, 1985.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOLZANI, Roberto Filho. O mito da preexistência da alma em Platão, in *CULT - Revista Brasileira de Cultura*, Dezembro de 2012. Editora Bregantini . no. 175 ano 15. p. 25 - 27
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. 3ª. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 283-350.
- COSTA, Renato José da. *O islamismo e suas implicações no processo democrático libanês*. Doutorado em História - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Comércio e etnicidade: Uma interpretação preliminar do catolicismo brasileiro em Lagos, no século XIX in *Religião e Sociedade*, no 1 1977
- ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. – 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FERNANDES, S.R.A. *Novas formas de crer*. São Paulo: Ceris, 2009

GATTAZ, André Castanheira. *História Oral da imigração Libanesa para o Brasil - 1880 a 2000*. Doutorado em História - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GRESCHAT, Hans-Jürgen Greschat. *O que é ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2005.

GRUZINSKY, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.
HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HAJJAR, Claud Fahd. *Imigração Árabe, 100 anos de Reflexão*. SP: Ícone, 1985.

HASSAN, Nain. *O Caminho Para o Monoteísmo*. Belém, 2010. Disponível em: <http://www.mouwahidoundruze.gov.lb/sp/books/Portegese%20Book.pdf> Acesso em: 19/11/2012.

HOURANI, Albert: *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JAFRI, Syed Hussain M. Xiismo Duodecimalista. In: Roberto S. Bartholdo; Arminda Eugenia (orgs): *Islã, O credo é a conduta*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

KADI, Nagila Ibrahim El. *A migração druzá: passos e traços - um estudo de caso*. Mestrado em Sociologia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

KARAM, John. *Um Outro Arabesco: Etnicidade Sírio-Libanesa no Brasil Neoliberal*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KNOWLTON, Clark. *Sírios e Libaneses: Mobilidade Social e Espacial*. São Paulo: Anhambi, 1960.

LESSER, Jeffrey. *A Negociação da Identidade Nacional: Imigrantes e Minorias e a Luta pela Etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

LOPES, Margarida Santos. *Novo Dicionário do Islão: Palavras, Figuras e Histórias*. Alfragide: Casa das Letras, 2010.

MAHASSEN, Suhaila Andere. *Desenraizamento cultural e religioso e suas repercussões psíquicas em druzos inseridos na cultura brasileira*. Mestrado em Psicologia - Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia, YM: Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

MAKAREM, Sami Nasib. *The Druze Faith*. New York - Lebanon Caravan Books, 1974.

MOOSA, Matti do. *Os druzos e outras seitas xiitas Ghulat: A perspectiva comparada*. Artigo publicado na internet em outubro de 2011. Disponível em: <http://rbedrosian.com/Ref/Moosa/mmdruze1.htm>. Acesso em: 02/11/2012.

MOUKARIM, Sheik Mustafá F. *A Fé dos Druzos – simplificada para a juventude*. São Paulo: Lar Druzo Brasileiro, 2003.

NAME, Paula Carmo. *A ascensão social dos imigrantes libaneses e sírios em São Paulo: relatos de memórias*. Programa de Estudos de Pós-graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo, 2009.

NASR, Seyyed Hossein: O islã e o encontro das religiões. In: Roberto S. Bartholo; Arminda Eugenia Campos (orgs.). *Islã – O credo é a conduta*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 235-264.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Religião: pluralismo, percursos e multiplicidades. In: NEGRÃO, L. (Org.). *Novas tramas do sagrado*. São Paulo: Edusp e Fapesp, 2009.

OSMAN, Samira Abdel. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PACE, Enzo. *Sociologia do Islã: fenômenos religiosos e lógicas sociais*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2005.

PEREIRA, Rosalie Helena de Souza (org): *O Islã clássico: Itinerários de uma cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Toda forma de fé*. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 4, Edição 46, Rio de Janeiro: julho de 2009*.

POUTIGNAT, Philippe; Streiff-Fenart, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. Tradução de Élcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

SAFADY, Jorge. *A Imigração Árabe no Brasil (1880-1971)*. Doutorado em História - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

SANCHIS, P. O campo religioso contemporâneo brasileiro. In: ORO, A.; STEIL, C. *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SHOJI, Rafael. O Budismo Étnico na Religiosidade Nikkey no Brasil: Aspectos Históricos e Formas de Sobrevivência Social. In *Rever*, 2002, n.6. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2002/p_shoji.pdf Acesso em 24/10/2012.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. *Patrícios (sírios e libaneses em São Paulo)*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.